

Priscilla Piccolo Neves

HOLOCAUSTO

Judaico

O Holocausto Judaico

Priscilla Piccolo Neves

Capa

Trabalho de Priscilla Piccolo Neves em imagem de Jose Bravo Rosa

Diagramação

Priscilla Piccolo Neves

Texto

Priscilla Piccolo Neves

Revisão

Fábio Henrique Monteiro Silva

Esse paradidático foi desenvolvido como produto do Mestrado Profissional em História, Ensino e Narrativas, sob a orientação do Prof.º Dr.º Fábio Henrique Monteiro Silva.

Neves, Priscilla Piccolo.

O Holocausto judaico/ Priscilla Piccolo Neves. – São Luís, 2018.

74 p.; il.

Produto da dissertação O ensino do Nazismo na educação básica: um diálogo entre História e Literatura através do paradidático O Holocausto judaico.

Orientação do Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva

1. Ensino de História. 2. Holocausto. 3. Biografia. 4. Nazismo. I.Título

CDU 94(430)



Sumário

Apresentação.....	05
A ascensão de Hitler e a consolidação do regime nazista.....	08
A construção do governo nazista: um regime totalitário e as leis antijudaicas.....	27
O Holocausto em andamento.....	52
Bibliografia.....	68
Encarte para Professor.....	70
Aos professores.....	71
Atividades propostas.....	72

Apresentação

O assunto que será abordado neste livro é fruto de uma pesquisa que busca entender, a partir de debates advindos da historiografia, um dos períodos mais trágicos da história mundial. O historiador Boris Fausto (1998) destaca que o nazismo representou uma mudança significativa na teoria de superioridade racial e antissemita. Para Fausto, de acordo com alguns princípios defendidos por Norbert Elias (1996), apesar da origem do antissemitismo não ser o núcleo fundamental de articulação das diferentes formações sociais, não impediu que o regime nazista buscasse formas de erradicar este povo da face da terra, embora, se levasse algum tempo para encontrar a fórmula mais eficaz de extermínio.

Incontáveis são as obras sobre as estratégias militares, a trajetória pessoal de Hitler e seus aspectos psicológicos que buscam explicar os horrores do nazismo. Inúmeros são os museus que aspiram manter viva a memória do Holocausto. Muitos destes museus só puderam ter acesso aos objetos e documentos dos judeus que residiam no território do então chamado Terceiro Reich, graças a um órgão criado pelo próprio governo nazista que buscava guardar estes artefatos para que através deles, após a Segunda Guerra Mundial, os alemães, julgados pelo regime como competentes, pudessem reescrever a história de todo o território ariano e até mesmo do próprio cristianismo. Assim, seria apagada a importância positiva de todo o povo judaico, para a construção de uma nova memória e identidade alemã e cristã, que passaria a ter como origem a raça ariana.

O povo judeu sofreu uma intensa e dolorosa perseguição nazista. Como uma forma de recompensá-los pelas perdas humanas e materiais e pelas cicatrizes físicas e emocionais deixadas por este período, após a Segunda Guerra Mundial fora aprovado, o projeto que já vinha sendo cogitado desde antes da guerra, sobre a criação de um Estado independente para eles, atualmente conhecido como Israel. No entanto, quando os componentes curriculares "Nazismo e Holocausto" adentram o cotidiano escolar, vem à tona, como ferramenta pedagógica primordial, o livro didático, em todo seu formalismo e limitações. Para uma melhor compreensão do tema, pretendo abordar uma discussão historiográfica e factual que busca ajudar a se ter um maior aprofundamento sobre os pontos em questão para os discentes do

terceiro ano da Educação básica e para auxiliar os docentes do ensino médio neste conteúdo.

Como o foco da pesquisa é o compartilhamento das pesquisas desenvolvidas na academia com a educação básica sobre a perseguição ao povo judeu, que desencadearia no Holocausto, será dada uma maior atenção para esta temática e para os embates sobre a importância de sua memória visando a construção de um material didático voltado para o professor da educação básica que terá como ponto central o uso de biografias de sobreviventes desse período.

A discussão sobre este tema na educação básica é fundamental, pois, considerando sua proximidade temporal com o presente, ainda influencia grande parte da população mundial, seja através da memória de pessoas que sofreram direta ou indiretamente as abordagens deste regime, ou através da difusão das ideias nacionalistas defendidas por este governo e adaptadas para o presente sob a forma de um neonazismo. Uma vez que o ensino de história tem como principal função incentivar uma consciência crítica aos alunos da educação básica e formar cidadãos capazes de participarem e influenciarem na sociedade, o ensino deste tema requer muita atenção e cuidado. Como defende Benoit Falaize (2014) a escola pleiteia certa narrativa coerente do passado de uma nação, mantendo a ilusão genealógica da unidade histórica do comum.

As páginas que se seguem, assim, constituem-se em uma tentativa de manter viva a trajetória do nazismo rumo ao poder, em toda sua complexidade e dimensão. Sua estruturação foi pensada na tentativa de além de aproximar a produção acadêmica do cotidiano escolar, também municiar o discente da educação básica de informações adicionais ao tema, acompanhadas de imagens, mapas, charges, documentos de época, trechos da biografia de Hitler e passagens comentadas de obras literárias que podem lançar novas perspectivas para o entendimento do Holocausto.

A importância do tema na atualidade ainda se justifica pela ascensão ao poder de partidos de extrema direita, cujas plataformas em muito se aproximam daquelas que tomaram grande parte da Europa nos anos 1930 e 1940. "A extrema-direita na Europa é hoje mais popular do que nunca, desde 1945", assegura o pesquisador holandês Cas Mudde, professor associado da universidade da Geórgia (EUA). Como exemplo, o Partido da Liberdade (PVV), de Geert Wilders, se tornou em março de 2017 a segunda força do Parlamento

holandês, atrás dos liberais, com 20 assentos de um total de 150. Na França, a presidente do Frente Nacional, Marine Le Pen, chegou ao segundo turno das eleições presidenciais de maio. Na Alemanha, o Alternativa para Alemanha (AfD) obteve um sucesso sem precedentes ao entrar na Câmara Baixa com 12,6% dos votos. Quatro anos antes havia obtido somente 4,7%. O FPÖ austríaco, decano dos partidos de extrema direita do pós-guerra, obteve um resultado próximo ao recorde nas legislativas de outubro, com 26% dos votos, e governará em coalizão com os conservadores. Na Itália e na Suécia, que celebrarão eleições legislativas em 2018, a extrema direita também poderá conseguir bons resultados.

Esse tenebroso cenário europeu, sem falar dos movimentos neonazistas que se espalham por várias partes do mundo, por si só, constitui-se em elementos que tornam o estudo do Nazismo uma necessidade urgente, para que nunca mais venha a se repetir.

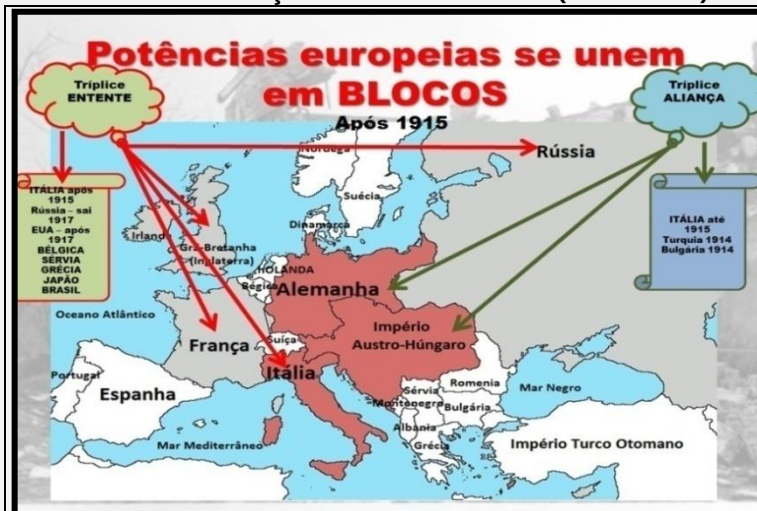
1) A ASCENSÃO DE HITLER E A CONSOLIDAÇÃO DO REGIME NAZISTA

Como é de conhecimento comum, a história não é um fato isolado. Portanto, para se entender a implementação do movimento nazista não depende apenas da compreensão sobre a conjuntura histórica na qual Alemanha se encontrava na época do triunfo do nacional-socialismo, mas sim se precisa assimilar todas as características do desenvolvimento do país, através de um longo processo histórico. Entender o período entre guerras é essencial para alcançar o conhecimento necessário que levou a ascensão deste regime.

Inglaterra, França, Império Russo, Estados Unidos da América e, posteriormente, a Itália uniram-se, na chamada **Tríplice Entente**, durante a Primeira Guerra Mundial contra os países da chamada **Tríplice Aliança**, composta principalmente por: Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália

Com o final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha se rende aos países que compunham a Tríplice Entente e, em 1918, assina o Tratado de Versalhes decretando assim o início de um dos períodos mais sombrios do país. Além dos prejuízos nacionais, ainda saiu como a principal responsável pela eclosão da guerra.

Sistema de Alianças – I Guerra Mundial (1914-1918)



Disponível em: <http://clichistoria.blogspot.com.br/p/9-ano.html>

Entre as determinações do Tratado de Versalhes para a Alemanha, destacam-se:

- Transformação do país para República de Weimar;
- Desmilitarização da região da Renânia;
- Cedeu a França o direito, até então pertencente a Alemanha, de ocupar e explorar a reserva de carvão do vale do rio Ruhr;
- Rompeu relações econômicas e políticas com o recém-criado país austríaco fruto do desmantelamento do império Austro-Húngaro;
- Desarmou e reduziu seu exército, além de ser proibida de fabricar artefatos bélicos;
- Perdeu seus territórios de Alsácia e Lorena, Posen, Malmedy e Eupen, que regressariam a França, Polônia e Bélgica, respectivamente;
- Pagou altas indenizações aos países vencedores.

A partir destas determinações, os alemães passam a enxergar a rendição na guerra e a assinatura do Tratado de Versalhes como uma punhalada, uma traição por parte do Kaiser (Imperador) que, segundo a crença popular, estava sofrendo grande influência e pressão dos comunistas e dos judeus para a aceitação de rendição e do posterior cumprimento deste tratado. Tais fatos levam a população a se submeter a intensas privações e interferências externas, instigando assim seu ódio para com os comunistas e os judeus.

Partido dos Trabalhadores Alemães

- criado em 5 de janeiro de 1919, por Anton Drexler. Ligado às reivindicações dos partidos de direita. A partir de 1923 passa a ser conhecido como Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, popularmente conhecido como partido Nazista sob a sigla NSDAP, dirigido por Adolf Hitler. Inicialmente, este partido tinha como principais plataformas a luta contra o capital indevido, à exploração e à especulação, voltado para um viés altamente nacionalista e antisemita.

A crise na qual a Alemanha se encontrava no período após a Primeira Guerra Mundial era marcada por um grave colapso econômico e político, ficando submetida às interferências econômicas das potências estrangeiras. Estas intervenções impediam que o país conseguisse se fortalecer econômica e politicamente. Nessa conjuntura surgem os pequenos partidos políticos, que em sua maioria, propunham a recuperação econômica do país, o não cumprimento das cláusulas do Tratado de Versalhes e tinham como principais bandeiras o

antisemitismo e o anticomunismo. É neste período que surge o Partido dos Trabalhadores Alemães que se tornaria, após o apoio do então militar alemão de origem austríaca, Adolf Hitler, o principal partido alemão nas décadas de 30 e 40.

As ideias nacionalistas defendidas pelo partido nazistas consistiam na defesa da recuperação econômica nacional; intensa doutrinação patriótica de pureza e superioridade da raça ariana; no antisemitismo e no anticomunismo.

O partido nazista não era um partido de esquerda, mas sim um partido de extrema direita, caracterizado por suas ideias de pureza racial e de nacionalismo extremo

Em 1919, após a desmilitarização da Alemanha, ex-soldados alemães formam um importante esquematizado grupo conhecido como corporações livres no qual Hitler se torna um agente político de confiança. Esta organização tinha como principal função investigar e desmantelar partidos políticos que defendessem o comunismo ou qualquer outra ideia que pudesse ir contra as ideias nacionalistas por eles defendidas.

É nesta conjuntura que Hitler foi enviado, em 12 de setembro de 1919, para investigar um pequeno, mas com certo potencial de se tornar perigoso, partido político, o então chamado Partido dos Trabalhadores Alemães.

Seguindo ordens de seus superiores, Hitler se voluntaria para se tornar membro deste partido e, rapidamente, se familiariza com suas ideias se tornando um de seus principais apoiadores, incentivadores e oradores.

O **pangermanismo** (em alemão Pangermanismus ou Alldeutsche Bewegung) foi um movimento político do século XIX que defendia a união dos povos germânicos da Europa central.

Adolf Hitler: do nascimento a I Guerra Mundial (1889-1914)

Em 20 de abril de 1889, nascia na pequena cidade de Braunau, na Áustria, o homem que viria a ser um dos principais líderes mundiais, Adolf Hitler. É caracterizado como um exemplo vivo do conceito étnico e cultural de identidade nacional sustentado pelos pangermânicos, pois não era um cidadão alemão de nascimento. A maioria do que se sabe sobre sua infância e juventude é altamente especulativo, porém, há um consenso entre os mais diversos pesquisadores sobre o tema de que Hitler nutria um intenso interesse pelas artes e pela política.

Em 1907, Hitler se inscreve pela primeira vez como candidato na escola de belas artes de Viena. Tendo sua candidatura rejeitada duas vezes seguidas, sob a alegação de que deveria ingressar em um curso de arquitetura e não artes devido a sua falta de talento artístico e de seu fascínio pelas construções de prédios, ele parte para a capital austríaca.

Com sua mudança de Linz para Viena em meados de 1908, Hitler leva da cidade que seria posteriormente considerada por ele sua cidade de origem, duas grandes influências políticas. A primeira seria o pangermanismo de Georg Ritter Von Schönerer e a segunda um intenso afino com a música de Richard Wagner com as quais se deslumbrava pela romantização do mito e da lenda germânicos além de descrições de heróis que não conheciam o medo.

Em Viena, se vê obrigado a trabalhar de subempregos e posteriormente a vender suas pinturas nas ruas da capital para conseguir sobreviver. Todo o dinheiro obtido por ele era guardado e convertido em elementos básicos para sua sobrevivência além da obtenção de livros e revistas sobre política e artes. Fora o período de sua vida em que mais passou necessidade, pois vivia uma vida boêmia, caótica e ociosa que durou cerca de 5 anos. É nesse período também que aflora sua raiva contra estrangeiros e contra a monarquia dos Habsburgo que regia a Áustria, pois em sua cabeça permeava a ideia de repulsa diante a mistura racial.

Durante sua estadia em Viena, Hitler tem um intenso contato com políticas antissemitas, que na época já eram divulgadas em larga escala através de jornais, panfletos e revistas, além de poder presenciar as manifestações de massa do partido social democrático em Viena. Apesar de ser contra as ideias defendidas pelos sociais democratas, Hitler aprendera muito sobre mobilizações de massas e a importância de se ter um líder eleito pela maioria do povo. Em 1913, consegue recursos com o espólio de seu pai e muda-se para Munique.



Hitler, na I Guerra Mundial

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, em 1914, Hitler vê a oportunidade de lutar pelo país que havia decidido adotar como seu. Alista-se, então, no exército alemão.

A capacidade oratória de Hitler, reconhecida pela cúpula do partido, foi determinante para a publicização das principais bandeiras do partido dos Trabalhadores Alemães, ou seja, o não cumprimento do Tratado de Versalhes, o antissemitismo e o anticomunismo. Sua destacada atuação traduziu-se numa ampliação considerável de número de adeptos ao partido Nazista. Em 1920, Hitler resolve se afastar de suas funções no exército e se dedicar totalmente às suas convicções que haviam sido abaladas com a perda da Primeira Guerra Mundial e foram restauradas através de seu envolvimento direto com o processo de fortalecimento do Partido Nazista. Assim como foi para Hitler, o partido nazista trazia ideias, crenças e, por consequência, esperanças compartilhadas por grande parte da população alemã na recuperação econômica do país e na liberdade das influências estrangeiras.

As falas de Hitler reduziam os complexos problemas sociais, políticos e econômicos da Alemanha a um simples denominador comum: as malignas maquinacões dos judeus. O partido Nazista se encarregava de elaborar excessivas propagandas que difundiam a teoria de conspiração de uma comunidade judaica internacional, na qual pregava que os judeus não eram fiéis a uma única nacionalidade territorial, ou seja, possuíam uma nacionalidade que os ligavam em um plano maior, independente das fronteiras territoriais, e no qual o grande plano era o de dominar o mundo controlando todas as grandes potências mundiais.

“Por trás das potências inimigas: o judeu”



Disponível em: <http://mautexjrhistoria.blogspot.com.br/2014/04/propaganda-nazista.html>

Em 1921, Hitler e um grupo de soldados partidários das corporações livres dão início a uma organização denominada Tropas de Assalto, também conhecidas sob a sigla SA, que tinham como objetivo garantir a segurança do Partido dos Trabalhadores e, muitas vezes, que as bandeiras do partido fossem seguidas, através do uso da força bruta, principalmente no combate ao comunismo e aos judeus.

Benito Mussolini, que chega ao poder em 1922, fora o responsável por introduzir o movimento fascista na Itália, tendo como base o uso de táticas violentas, terror e intimidação contra os adversários de esquerda que se opunham aos seus ideais.

Otto Von Bismark, conhecido pelos alemães como o líder importante do século XIX, responsável por conduzir a unificação do território alemão e fundar o Segundo Reich Alemão.

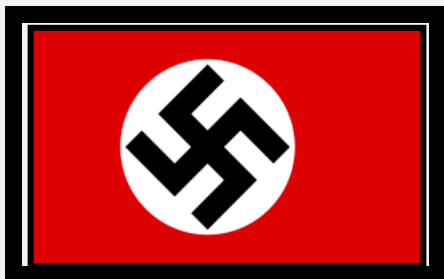
Conforme o partido ia se expandindo e ganhando mais adeptos, foram criados símbolos que marcassem seus seguidores, tais como: uniformes para as Tropas de Assalto; uma saudação própria, inspirada na adotada por Benito Mussolini na Itália, na qual os cidadãos estendiam o braço direito para saudar ritualmente seu líder enquanto o líder respondia erguendo sua mão direita com o cotovelo flexionando a palma da mão para cima em um gesto de aceitação ao cumprimento. A bandeira composta pelas cores vermelha, preta e branca, que caracterizavam uma saudação ao império de Bismark e consequentemente uma afronta direta a Republica de Weimar; e o mais conhecido e emblemático símbolo da Suástica.

Saudação das Tropas Nazistas a Hitler



Disponível em:
<https://www.timetoast.com>

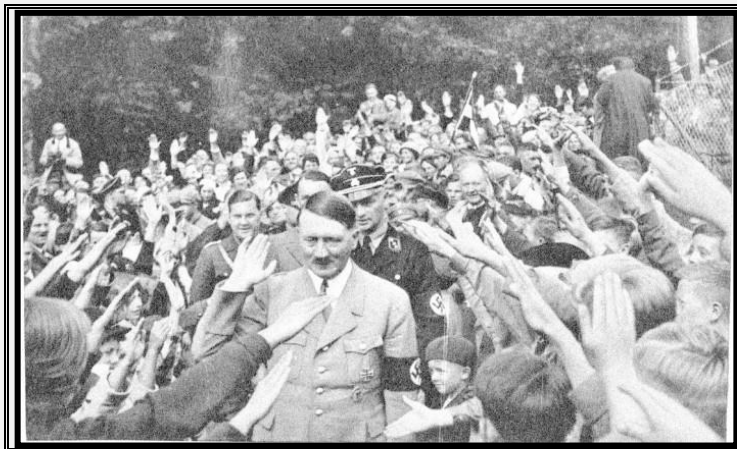
Bandeira da Alemanha Nazista



Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Alemanha_nazista

Suástica - Símbolo nazista usado para marcar os seguidores do Partido dos Trabalhadores Alemães e, posteriormente, os seguidores do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Este símbolo já havia sido usado por outros movimentos de cunho racistas. Originalmente, era conhecido por ter como significado a busca pela boa sorte, pela felicidade e salvação.

Adolf Hitler recebido com a tradicional saudação nazista na Alemanha em 1933.



Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/debate-sobre-publicacao-de-minha-luta-de-adolf-hitler-chega-ao-brasil-18482674>

Conforme a crise econômica alemã ia se intensificando, o partido nazista espalhava cada vez mais suas ideias. Seguem alguns dos 25 pontos do programa oficial do Partido dos trabalhadores Alemães, aprovado em 24 de fevereiro de 1920:

- A exigência da ‘união de todos os alemães em uma Alemanha Maior’;
- A revogação dos tratados de paz de 1919;
- ‘Terra e território (colônias) para alimentar nosso povo’;
- Prevenção de ‘imigração não germânica’ e pena de morte para ‘criminosos comuns, agiotas, especuladores, etc.’;
- Os judeus deveriam ter os direitos civis negados e ser registrados como estrangeiros, e proibidos de possuir ou escrever em jornais alemães;
- Exigência da abolição de rendas indevidas;
- Confisco de lucros de guerra;
- Nacionalização dos cartéis empresariais e introdução na participação dos lucros;
- A criação de um poder estatal central forte para o Reich;
- A substituição efetiva dos parlamentares dos estados federados por corporações baseadas em estado de ocupação.

Em 1921 surgem divergências de opiniões entre Hitler e Drexler sobre os rumos que o Partido dos Trabalhadores Alemães deveria seguir. Após ameaçar renunciar de suas funções no partido, Hitler consegue com que suas opiniões sobressaíssem as de Drexler e, como condição para se manter no partido, exige ser nomeado como líder com “poderes ditatoriais” e a expulsão de membros e ideias que não lhe agradavam.

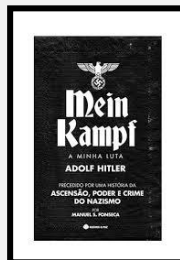
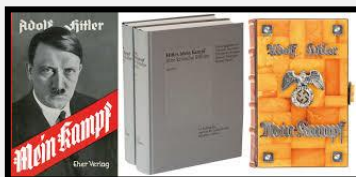
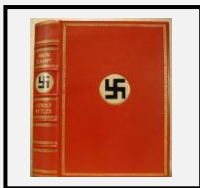
Marcha sobre Roma – Foi uma marcha liderada por Benito Mussolini, líder do partido fascista na Itália, ocorrida em Roma, no dia 28 de outubro de 1922, que exigia a entrega do governo italiano ao partido fascista, sob a liderança de Mussolini, com a ameaça do uso de forças armadas.

Inspirado pela Marcha sobre Roma e pelos acontecimentos ocorridos na própria Alemanha, entre os anos de 1922 e 1923, e principalmente pela invasão francesa na região alemã do vale do rio Ruhr gerada pelo não cumprimento – por parte do governo – dos pagamentos de reparação que levaram os cidadãos a mais uma explosão de insatisfação com a atual política alemã, Hitler e seus partidários começam a pensar em um golpe.

Levados pela pressão e pela necessidade, o partido nazista logo começa a arquitetar um plano de tomada de poder. Para conseguir apoio ao movimento, Hitler investe pesado em propagandas nacionalista contra o governo e os franceses, conseguindo um leque de apoiadores influentes para a revolta. Em 8 de novembro de 1923 os nazistas dão início ao seus planos de prender o governo bávaro e obrigá-los a se juntarem as tropas paramilitares em uma marcha sobre Berlim para depor o governo. Este movimento ficou conhecido como o Golpe da Cervejaria ou *Putsch* de Munique, pois, na noite de 8 de novembro Hitler e seus apoiadores invadem uma reunião do governo bávaro, ocorrida em uma cervejaria no centro de Munique, e obrigam Gustav Ritter Von Kahr, o então comissário geral do estado, a declarar seu apoio ao movimento. Embora houvesse forças do exército paramilitar de Hitler ocupando os principais prédios do governo, o quartel principal do exército ainda estava sob a guarda do Estado e após a declaração de Kahr e de outros líderes, que também estavam na cervejaria no momento do golpe, de apoio ao movimento nazista, estes são soltos e imediatamente alertam o quartel geral do exército que envia tropas para deter os revolucionários. Ao levar adiante seu plano de uma marcha sobre Berlim, no dia 9 de novembro de 1923, Hitler seguido por cerca de 2 mil homens das forças paramilitares, depara-se com um cordão de isolamento policial que, após um intenso conflito armado, põe fim a revolta e prende seus principais líderes, inclusive Adolf Hitler.

Após sua prisão, Hitler é julgado por um tribunal popular e assume toda a culpa pelo movimento alegando que servia aos interesses da Alemanha, logo, não poderia ser condenado pelo crime de alta traição. Embora, mesmo assim, tenha sido condenado por este crime, a Corte o sentenciou a meros cinco anos de prisão, em uma instituição considerada calma, exclusiva para infratores que cometerem crimes "honrosos".

Durante o período em que ficou preso, Hitler começa a escrever seu tão famoso livro autobiográfico, sob o título de *Mein Kampf* (Minha Luta) que viria a ser considerado, principalmente ao longo do Terceiro Reich, um livro doutrinário para as práticas nazistas. Abaixo, algumas edições da obra.



Disponível em: <http://segundaguerra.net/o-livro-de-adolf-hitler-mein-kampf-a-biblia-nazista/>

“Se, no início e durante a guerra, 12 ou 15 mil desses hebreus corruptores do povo tivessem sido refreados com gás tóxico, como aconteceu com centenas de milhares de nosso melhores trabalhadores alemães no campo de batalha, o sacrifício de milhões no front não teria sido em vão. Pelo contrário: 12 mil salafrários eliminados na hora certa, poderiam ter salvo as vidas de 1 milhão de alemães de verdade, valiosos para o futuro.

Mas aconteceu de estar na pauta da ‘política de governo’ burguesa sujeitar milhões a um fim sangrento no campo de batalha sem pestanejar, e considerar 10 ou 12 mil traidores, especuladores, agiotas e vigaristas como tesouro nacional e proclamar abertamente sua inviolabilidade” (EVANS, HITLER, s/d. pág., 620-1).

Em *Mein Kampf*, Hitler ressalta e reafirma seu ódio aos judeus, porém diferente da ira que vinha pregando em torno da teoria de que os judeus eram os principais culpados pela crise financeira, evidencia a ligação dos judeus ao “Bolchevismo” e ao “Marxismo”, duas doutrinas de esquerda repudiadas pelos nacionalistas de direita.

O **Bolchevismo** é uma linha política e organizativa imposta por Lênin ao partido Operário Social democrático da Rússia no congresso de 1903. Tinha como principais características ser um partido homogêneo, centralizado e altamente disciplinado. E seus objetivos principais eram: “ser um partido depositário da consciência de classe, capaz de proporcionar programas, estratégias, táticas e instrumentos organizativos a um proletariado destinado sozinho a gastar suas energias em ações reivindicativas ou em revoltas sem resultados políticos. Pode de ser considerada uma aplicação criativa do marxismo às condições específicas de um país atrasado (BOBBIO, 1998, pág. 116). O **Marxismo** é o conjunto de ideias, dos conceitos, das teses, das teorias, das propostas de metodologia científica e de estratégia política e, em geral, a concepção do mundo, da vida social e política consideradas como um corpo homogêneo de proposições que se podem deduzir das obras de Karl Marx e Friedrich Engels (BOBBIO, 1998, pág. 738)

A perseguição aos judeus usa como argumento, por exemplo, o pretense controle sobre os líderes mundiais, inclusive o próprio Kaiser alemão através da economia e o planejamento de uma dominação mundial, pela qual controlariam toda a raça humana e imporiam severas consequências à raça ariana, em especial. Os nazistas acreditavam e pregavam uma teoria em torno do chamado Judaísmo Internacional, no qual defendiam que o povo judeu não possuía lealdade a nenhum Estado Nação, e sim à uma ideia de Nação que uniria todos os judeus em torno de sua religião, não importando assim os interesses do estado em que se encontravam.

O ódio aos Judeus não era uma ideologia pregada apenas em *Mein Kampf*, mas eram espalhadas por todo o território ariano através de notícias e propagandas elaboradas pelo partido. Embora não divulgasse abertamente qual seriam seus planos para este povo, desde antes de sua chegada ao poder, os nazistas já trabalhavam a ideia de que era necessária uma medida radical e definitiva para “se dar um jeito na raça judaica”, deixando a entende, assim, que num futuro próximo, aconteceriam violências e repressões fortes.

Os discursos de Hitler possuíam um viés evangelizador e propagavam duas teorias sobre como surgiu a ideia de uma Solução Final implementada pelos Nazistas nos últimos anos de II Guerra, conhecidas como teoria Funcionalista e teoria Intencionalista.

Defendida pelos pesquisadores Ian Kershaw e Christopher Browning, a teoria funcionalista reconhece que o genocídio emergiu gradualmente por meio de uma ‘radicalização cumulativa’. Isto é, não havia um plano de longo

prazo para exterminar a comunidade judaica. Os seguidores desta linha de pensamento acreditam que inclusive alternativas para resolver aquilo que os alemães classificavam como o 'problema judeu' teriam sido exploradas, mas fracassaram. Então a partir dali, aos poucos, a matança teria se revelado a solução mais eficaz. Ian Kershaw concluiu que o antissemitismo não era ativo, mas oculto. E não foi o fator principal de adesão do eleitor ao nazismo (a ânsia de ordem e a estabilidade foram mais importantes). Existia o que muitos pesquisadores sobre o tema chamam de 'ódio velado' ao judeu, tingindo de antijudaísmo cristão. Essa estrutura tradicional da identidade nacional conduziu os alemães a aceitar a política antissemita do regime nazista, e as igrejas de todas as confissões, a não denunciá-la.

Já a teoria Intencionalista defendida pelo pesquisador Daniel J Goldhagen defende que o Holocausto teria sido a concretização de um 'antissemitismo eliminacionista' constante na história alemã. Para os defensores dessa visão, os nazistas apenas concederam aos alemães comuns a oportunidade de realizar algo que eles sempre desejaram: assassinar o povo judeu. Essa posição ainda precisa explicar quando o genocídio começou e o que o teria motivado, mas tende a reduzir os impactos dos eventos cotidianos e das decisões tomadas durante as décadas de 1930 e 1940.

Durante sua estadia na prisão, Hitler percebe que não poderia seguir a mesma linha que Benito Mussolini seguiu na Itália, neste caso, apenas o uso de forças paramilitares não seriam o suficiente. A partir de então, se volta para estratégias que o levassem a conquistar o apoio do povo alemão em massa através de propagandas e de discursos públicos. Porém, enquanto Hitler estava na prisão, o partido Nazista passava por uma grave crise interna, marcado por divisões e uma grande desordem nas forças paramilitares.

SS - Criada em 1923 e refundada em 1925, tinha como objetivo ser a Tropa de Proteção de Adolf Hitler, respondendo somente a ele. Posteriormente se torna a polícia interna do Partido Nazista.

Em 1924, ao sair da prisão através de uma condicional, Hitler fora obrigado a lidar com os limites estabelecidos para seus deslocamentos pelo território alemão, a proibição de fazer discursos públicos e o maior de todos os seus problemas, a fragmentação e desorganização do partido nazista.

Em 1925, após Hitler conseguir burlar os termos de sua condicional, começam seus planos de reorganização do partido nazista recrutando seguidores que se comprometeriam a se submeterem a sua liderança.

Dois dos principais apoiadores conquistados foram Joseph Goebbels e Heinrich Himmler, que viriam a ser seus homens de confiança, o Ministro de Propaganda do governo nazista e o chefe da tropa de proteção pessoal de Hitler conhecida como *Schutzstaffel*ou SS, respectivamente. Nos anos que se sucederam, Hitler e seus aliados buscavam uma recuperação do número de associados ao partido e a restauração e o aumento da influência perante todo o povo alemão.

Joseph Goebbels, nascido em 1897 na cidade industrial de Rheydt, no Baixo Reno. Recebeu educação secundária, estudou filosofia antiga, alemão e história na Universidade de Bonn. Obteve doutorado em Literatura Romântica na Universidade de Heidelberg em 1921. Ocupou um dos principais cargos no governo nazista o de Ministro de Propaganda, além de ser um dos braços direito de Adolf Hitler. Seus diários, embora tenham algumas evidências de manipulação, contem informações importantes sobre as estratégias e determinações nazistas que, após 1945, ajudaram autoridades e estudiosos do tema a esclarecerem algumas lacunas sobre o período. Sendo assim, importantes fontes documentais para a história mundial.

Joseph Goebbels



Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Goebbels

Heinrich Himmler



Disponível em: http://en.rightpedia.info/w/Heinrich_Himmler

Heinrich Himmler, nascido em 7 de outubro de 1900, na cidade de Munique. Influenciado por seu pai, possuía ideias nacionalistas extremas e em 1914, fora aceito no exército, porém, não chegou a ir para os campos de batalha. Posteriormente, juntou-se a força de defesa dos Residentes de Kahr, participou do golpe da cervejaria e fora crescendo gradativamente dentro do partido até ser nomeado por Adolf Hitler como chefe da Tropa de Proteção Pessoal (SS).

Com o intuito de aumentar o número de seguidores, os Nazistas se voltam para as questões rurais do país, que estavam sofrendo uma grande instabilidade gerada pela crise no final da década de 1920, que os colocavam sobre a pressão de aumentos nas tarifas de importação de gêneros alimentícios como único jeito de proteger sua receita. Hitler consegue o apoio da comunidade rural através de promessas para uma Alemanha autossuficiente, autônoma, e com um controle excessivo da importação de alimentos estrangeiros.

Observa-se que com as eleições de 1928 o partido nazista conseguiu um maior apoio nas áreas rurais com menor desperdício de energia, dinheiro e tempo e obteve melhores resultados nos campos do que nas cidades. A partir desta descoberta, o partido logo volta uma maior atenção às comunidades rurais, investindo em propagandas que transmitiam ideias que melhorariam as condições de vida da população local. Além de uma maior atenção voltada para estas comunidades, o partido também se voltou para a ala das mulheres, afiliando em 1928 a Ordem das Mulheres Alemãs, fundada por Elsbeth Zander em 1923.

A Ordem das Mulheres Alemãs constituía-se em uma daquelas paradoxais organizações femininas que faziam ativa campanha pelo afastamento das mulheres da vida pública, sendo conhecidas pela militância

antissocialista, antifeminista e antisemita. Suas atividades práticas incluíam a gestão de um sopão para os camisas-pardas (tropas nazistas), auxílio nas campanhas de propaganda, ocultação de armas e equipamentos dos paramilitares nazistas e oferecimento de serviços de enfermagem para ativistas feridos por meio da suborganização 'Suástica Vermelha', a versão nazista da Cruz Vermelha.

Estas e muitas outras novas agregações lhes proporcionaram um maior número de filiados e ajuda. Muitas pessoas foram convertidas pelos apelos às emoções e desejos apresentados por Hitler em seus comícios e reuniões para as massas.

A ideologia nazista se baseava na "contraposição entre *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo) e aqueles considerados como 'Outro' (judeus, não arianos, homossexuais, negros e pessoas deficientes) que deveriam ser combatidos e excluídos da comunidade nacional através de uma ação violenta do regime.

O aspecto mais importante da ideologia nazista era a ênfase na solidariedade racial, o nacionalismo extremo e o culto a Hitler. Os nazistas tinham como uma de suas principais ideologias o embelezamento do mundo, que havia sido desfigurado pela miscigenação e a degeneração. Para alcançar seus ideais, o regime nazista, desenvolveu um imenso aparato propagandista, ideológico e repressivo, tanto para doutrinar e enquadrar os membros da Comunidade do Povo quanto para discriminar aqueles que não se encaixavam ao modelo ideal de alemão concebido por sua ideologia.

Em 1929 as corporações livres cultuavam cada vez mais a violência. Incentivadas pelo movimento nazista, não respeitavam as leis e faziam uso do poder conquistado ao longo dos anos, desviavam a culpa de suas atenções para longe do partido. As ordens que incitavam a violência nunca eram dadas abertamente pelas lideranças, seus apoiadores apenas precisavam de discursos repletos de insinuações para partir para violência.

Com a chegada da crise econômica mundial em 1929, o partido Nazista conseguiu a chance que tanto esperava para chegar ao poder, pois apenas como uma grave crise nacional é que um partido extremista conseguiria apoiadores suficientes para sustentá-lo como uma sólida organização política. O desemprego destruiu o autorrespeito das pessoas, o desespero podia ser vistos em cada esquina das cidades alemães, levando a população a medidas

Conhecida como a **Grande Depressão, a crise econômica de 1929** decorreu da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, então maior economia mundial e responsável por reerguer através de investimentos e empréstimos as economias arrasadas pela Primeira Guerra Mundial, principalmente a economia alemã. As ações de grandes empresas despencaram seu valor até serem negociadas ao preço de \$ 0,00, causando assim a falência de muitas empresas e os cortes nos investimentos estrangeiros.

extremas para sobreviver, o que pode ser percebido com o aumento do número de crimes e das taxas de prostituição. No decorrer dos três anos seguintes a eclosão da crise, estima-se que aproximadamente 6 milhões de alemães estavam desempregados e vivendo em péssimas condições.

A instabilidade de 1929 além de trazer uma grave crise econômica para a Alemanha, também aumentou as disputas entre os partidos Nacional-Socialista e o Partido Comunista, que já eram bem violentas. Para Hitler, o idealismo, patriotismo e unidade nacional seriam os únicos responsáveis pela recuperação econômica do país. As medidas adotadas pelo governo de Weimar só aumentavam as insatisfações populares, o que levava as ideias dos Nacional-Socialistas serem cada vez mais atraentes e bem recebidas.

Nos anos que se seguiram a crise, o governo optou por novas medidas econômicas e políticas para tentar controlar a instabilidade do país. Para isso, é nomeado um novo chanceler em 1931, Heinrich Brüning, filiado ao partido de centro da Alemanha. Ao assumir o poder, Brüning planejava reformar a constituição pela redução do poder do Reichstag, o Parlamento alemão, e combinar os cargos de chanceler do Reich e de ministro-presidente em sua própria pessoa para reduzir o crescente poder do partido Nazista, porém não consegue apoio político para os por em prática. Em 20 de junho de 1931, Brüning estabelece a chamada moratória de Hoover, que suspenderia o pagamento das recuperações estabelecido pelo Tratado de Versalhes e, assim, lhe possibilitaria implementar um aumento dos impostos sem grandes represálias da população, uma vez que estas percebessem que este dinheiro seria usado apenas para tentar controlar a crise interna. Porém, ao convocar

uma reunião no Reichstag para a aprovação de um orçamento rigidamente deflacionário e ter seu pedido negado por todo o parlamento, Heinrich Brüning promove a dissolução do parlamento, causando uma atmosfera ainda mais hostil em todo o povo alemão.

No contexto de dissolução do Reichstag, o partido Nazista surge com ideias e discursos propagandistas que agradam cada vez mais a população. Oferecendo uma nova oportunidade para aqueles cidadãos interessados em uma nova política, que retomaria a era de prosperidade e glória do povo alemão através de práticas que fortaleceriam a unidade alemã e ultrapassariam as fronteiras sociais. O projeto passava pela união em um só conjunto dos arianos na construção de um novo Reich que os possibilitaria reconstruir todo o seu poder econômico e os devolveria seu lugar de direito no mundo.

Munindo-se de conhecimentos sobre suas platéias, o partido Nacional-Socialista investia em slogans e oradores que agradecem todos os tipos de interesses, sobrepondo-se assim aos demais partidos políticos da Alemanha, com um leque muito variado de eleitores. Suas ideias consistiam basicamente em acabar com as crises geradas no país através de uma criação de um Estado duro e autoritário, que já vinha dando amostras para a população através das ações das corporações livres.

A ascensão do nazismo pode ser compreendida pelas propostas de superação de problemas históricos, como a derrota da Alemanha na Primeira Guerra mundial, principalmente no que se refere às determinações do tratado de Versalhes e a ineficiência de um regime democrático parlamentarista.

Com a grande onda de insatisfação popular devido às medidas adotadas pelo governo e a crise econômica instaurada em 1929, agravada nos anos seguintes, organiza-se na Alemanha um período de grandes manifestações populares. Em meio a esta insatisfação do povo, a escalada da violência política, a pobreza, miséria e a desordem, o governo se via pressionado a tomar medidas repressivas para manter o controle sobre as manifestações. Porém, a polícia oficial da República de Weimar estava cada vez mais adepta às ideias do partido Nazista. Neste momento, o governo passa a não ter mais como conter e desmanchar as ondas insatisfatórias, muitas delas incentivadas pelo partido Comunista e pelo partido Nazista.

Totalitarismo ou regime totalitário – controle político na mão de uma única pessoa ou de um único grupo, não possui limites para sua autoridade interferindo assim na vida pública e privada de uma nação.

Com as eleições para presidente em 1932, e por consequente a candidatura de Adolf Hitler, o partido Nazista, embora tenha perdido as votações, conseguiu um número enorme de votos, obtendo assim 37% da aceitação popular.

Este fato demonstra a importância e o nível de aceitação em âmbito nacional do partido Nacional-Socialista e de como suas ideias estavam sendo recebidas por toda a população. No centro desse crescimento eleitoral, estava o aparato propagandista, elaborado por Goebbels, que cria estratégias capazes de promover ampla aceitação das massas para as ideias nacionalistas e totalitárias que seriam implementadas pelo partido ao assumir o poder em 1933.

Com a renúncia de Brüning, em 30 de maio de 1932, e a nomeação de um novo chanceler, Franz Von Papen, instalou-se uma grande onda de repressões no país. Para tentar minimizar estas manifestações, o novo chanceler:

- Buscava criar um 'Estado Novo', um governo acima dos partidos opondo-se ao conceito de um sistema multipartidário;
- Restringe o direito de voto a uma minoria;
- Reduz os poderes parlamentares;
- Reprime a imprensa radical e os jornais democráticos, proibindo publicações populares da esquerda liberal, convencendo assim os comentaristas liberais que a liberdade de imprensa havia sido abolida.

Von Papen buscava um apoio maciço dos Nazistas. Para isso, incorpora algumas das medidas tão reivindicadas por Hitler, entre elas a legalização das corporações livres e as eleições para o Reichstag no meio do ano de 1932. Estas deliberações viriam a ser um problema para Von Papen. Com a legalização das tropas, a violência no país cresceu ainda mais, o que acabou se mostrando um "tiro no pé" do próprio chanceler, uma vez que as SA respondiam somente ao governo nazista. As eleições acabaram por comprovar a força que o partido nazista estava ganhando: o partido conquistou a maioria das cadeiras no parlamento.

No mesmo ano de 1932, devido a intensas rebeliões por parte da população e dos partidos políticos contra as suas medidas, Von Papen renuncia ao seu cargo e o general Kurt Von Schleicher o sucede. No início de 1933 a crise econômica mundial finalmente começa a se abrandar e Schleicher estabelece medidas internas que ajudariam o país a diminuir os altos índices de desemprego e recuperar gradativamente sua economia. Com ideias consideradas comunistas para a diminuição da pobreza alemã, Schleicher sofre duras críticas pelos partidos políticos que o acusam de:

- Tramar um contragolpe e tentar estabelecer um Estado corporativo autoritário;
- Eliminar o Reichstag por decreto presidencial;
- Colocar o exército no controle;
- Reprimir os nazistas e comunistas.

Para Schleicher, o único modo de conseguir controlar as crises que assolavam o país seria através de medidas inconstitucionais. Ao ter seu pedido negado pelo presidente para adotar este modo de governo, Schleicher renuncia à chancelaria alemã. No círculo do parlamento alemão, devido ao fortalecimento e expansão dos apoiadores das ideias nazistas, o nome de Hitler vinha sendo cogitado para assumir o cargo de chanceler com um apoio dos principais partidos alemães. Com a renúncia de Schleicher, surge o momento perfeito para esta designação e enfim, em 30 de janeiro de 1933, Adolf Hitler consegue sua tão almejada nomeação para chanceler alemão com um forte apoio político, levando assim o partido nazista ao poder.

2) A CONSTRUÇÃO DO GOVERNO NAZISTA: UM REGIME TOTALITÁRIO E AS LEIS ANTIJUDAICAS

Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e individualizados que apoiam ou se omitem perante as decisões governamentais, não causando nenhum tipo de resistência.

A nomeação de Adolf Hitler a chanceler alemão traz uma grande onda de aceitação e festa em todo o país. Foram promovidas marchas lideradas pelas Tropas de Assalto como uma forma de boas vindas ao novo regime que estava se instaurando no território. Em 1º de fevereiro de 1933, a imprensa comunista já registrava uma 'onda de ordens de proibição no Reich', e uma 'tempestade sobre a Alemanha', na qual 'bandos do terror nazista' estavam assassinando trabalhadores e destruindo prédios dos sindicatos e escritórios do Partido Comunista. O partido Nacional-Socialista só conseguiu chegar ao cargo de chanceler por um apelo violento das massas e a capacidade de mobilizá-las em uma situação de crise econômica e social.

As ideias defendidas pelos Nazistas em 1933 consistiam basicamente em:

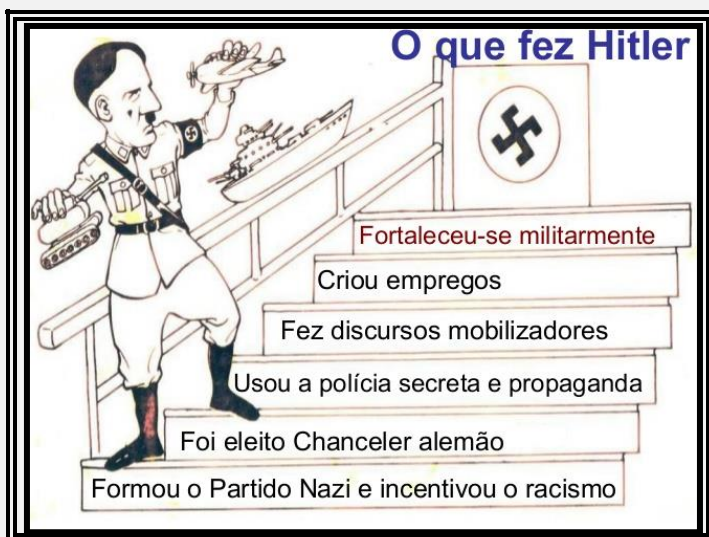
- Restaurar o recrutamento do exército alemão;
- Destruir o marxismo e o bolchevismo;
- Combater o Tratado de Versalhes;
- Criar medidas que resolvessem as questões do povo judeu.

Os partidos políticos alemães foram refreados e sofreram interferência direta das tropas SA e SS em suas reuniões. Os jornais que divulgassem as ações dessas tropas sobre os partidos eram rigidamente censurados e punidos, demonstrando assim o poder de impunidade ao qual os Nazistas estavam chegando.

Pogrom é uma palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente". Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países. Acredita-se que o primeiro incidente deste tipo a ser rotulado pogrom foi um tumulto antissemita ocorrido na cidade de Odessa em 1821. Durante o período do nazismo na Alemanha e no leste europeu, assim como havia acontecido na Rússia Czarista, os pretextos para os pogroms eram ressentimentos econômicos, sociais, e políticos contra os judeus, reforçando o já tradicional antissemitismo religioso.

Os Nazistas estavam gradativamente transformando o território do Reich em um Estado totalitário, baseado em estruturas que asseguravam os interesses do partido através de uma organizada articulação para romper com ideias de governos anteriores e garantir o apoio das massas aos seus interesses de unificação e superioridade da raça ariana, por meio de intensas propagandas que divulgavam os pogroms. Os nazistas abusavam dos direitos democráticos para suprimir qualquer tipo de liberdade existente em seu território e para manipular a população a seu favor.

Medidas adotadas por Hitler



Disponível em: <https://www.slideshare.net/mrsirvinglong/chapter-6-how-did-world-war-ii-affect-singapore-pictorial-form/3>

Para que o partido Nazista conseguisse cumprir com suas metas era necessário controlar o exército, que, todavia, respondia apenas às ordens do presidente. Como saída, em março de 1933, foi criado por Hitler o Conselho de Defesa do Reich, instituição política que efetivamente driblou a liderança do Exército e colocou a política militar em suas mãos, que o regia, e de um pequeno grupo de ministros importantes. Com o controle do exército nas mãos do partido, instaura-se na Alemanha um período de grande hostilidade e repressão aos comunistas e aos judeus. Agora que os Nazistas estavam no poder, as tropas da SA e SS estavam agindo às claras, disseminando ainda mais a violência no país. Foram criadas prisões clandestinas para abrigar os opositores ao regime que se transformariam em campos de concentração e trabalho legalizados pelo Estado, para onde posteriormente seriam levados todos os inimigos do Reich, mas principalmente o povo judaico que passaria a ser o principal alvo de perseguição do governo Nazista, conduzindo a nação a níveis de repressões que desencadeariam a chamada "solução final" para extirpar os inimigos do Reich de todo o território ariano.

Primeiro Reich – Seria o período do Sacro Império Romano-Germânico, ou Sacro Império Romano da Nação Alemã, surgido com o monarca Oto I, em 962 e que se fragmentou em 1806, com as invasões de Napoleão Bonaparte.

Segundo Reich – de 1871 a 1918. O período em que a Alemanha conquistou sua unificação e montou um império ultramarino ficou conhecido como Segundo Reich.

Terceiro Reich – De 1933 a 1945. Período em que os nazistas assumiram o poder e tentaram dominar outros territórios europeus para formarem assim o grande império alemão sob a liderança de Adolf Hitler e tendo como capital Germânia, atual cidade de Berlim na Alemanha. O Terceiro Reich é destruído e fragmentado após a perda da Alemanha na Segunda Guerra Mundial em 1945.

Mapa do Terceiro Reich



Disponível em: <http://guerra1940.blogspot.com.br/2012/06/ideologia-do-espaco-vital.html>

Em 27 de fevereiro de 1933, como uma forma de protesto à nomeação do partido Nazista à chancelaria alemã, o Reichstag foi incendiado pelo holandês Marinus van der Lubbe que, após ser preso e durante os interrogatórios, afirmou que agira sozinho. No entanto, esse ato foi imediatamente vinculado a uma ação comandada e planejada dos comunistas. Estava assim criado o principal argumento para a perseguição, prontamente iniciada.

O ministro do Interior do Reich nazista, Wilhelm Frick, em uma tentativa de ampliar o controle sobre os estados alemães e de conter a ameaça comunista no território, consegue a aprovação de um decreto, criado por ele, que restringia a liberdade do povo alemão. A seguir alguns pontos deste documento:

- Suspendeu várias seções da Constituição de Weimar, em especial as que regiam a liberdade de expressão, liberdade de imprensa e liberdade de reunião e associação.
- Permitiu à polícia deter pessoas em custódia preventiva por tempo indefinido e sem mandado judicial, em contraste com as leis e decretos anteriores, que fixavam limites de tempo depois do qual ocorreria intervenção judicial.

Rapidamente é espalhada em todo o território a ideia de uma ameaça bolchevique alemã, que daria direito aos nazistas de implementarem todos os tipos de controle que julgassem necessários para contê-la, aumentando enormemente a repressão sobre os membros do Partido Comunista, que passam a ser perseguidos e tratados como criminosos. Alguns foram assassinados e a grande maioria detida em centros de tortura e prisões improvisadas.

Em 23 de março de 1933, na primeira reunião do novo parlamento, eleito já durante sua chancelaria, Hitler apresenta ao Reichstag a “Lei Plenipotenciária”, porta de entrada para a ditadura que se instalaria no país e que consolidaria o partido nazista no governo uma vez que garantiria ao chanceler direitos de introduzir quaisquer medidas e leis que se afastassem da constituição, sem uma aprovação prévia do parlamento ou do próprio Kaiser. A morte do presidente em 1934 abriu espaço para que Hitler, através de um golpe, ocupasse os dois cargos chefes do território alemão. Apesar de ser um decreto que afastaria o Reichstag das decisões sobre as medidas que seriam tomadas em todo o território, a “Lei Plenipotenciária” deveria ser aprovada pelo parlamento e ser renovada a cada quatro anos, porém não afetaria diretamente nem o congresso nem o Kaiser. Por temerem as consequências se não aprovassem esta lei, ou por concordarem com os ideais do regime nazista, o parlamento alemão aprova este decreto, dando assim controle legal quase absoluto ao partido nazista.

Gradativamente, o novo regime tomava conta de toda a liberdade que o território possuía. Os sindicatos e jornais, assim como ocorreu ao Partido Comunista, passaram a ser controlados e reprimidos pelos nazistas. O Partido Socialdemocrata passa por exorbitantes intervenções até ter sido dissolvido em julho de 1933, na “Semana Sangrenta de Köpenick”, ou seja, a semana em que o Partido Socialdemocrata fora dissolvido e seus membros foram

duramente perseguidos, espancados, torturados e muitos deles foram mortos.

Os nazistas visavam a dissolução de todos os partidos políticos do país com o intuito de instaurar um governo unipartidarista, característica que identifica o regime como um governo totalitário. O projeto nazista é tido como totalitário pela sua proposta de formação de uma sociedade organizada em torno de um corpo único e individual, sem espaço para qualquer tipo de diferença ou divergência.

Todas as medidas que se seguiram após a nomeação do Partido Nazista ao controle sobre a chancelaria, eram de cunho nacionalista, provinham de ideias que visavam a recuperação alemã, a teoria da pureza racial ariana, a destruição de políticas marxistas e bolcheviques e a eliminação dos povos que não pertenciam às chamadas comunidades do povo.

Para implementar estas política, sem haver uma represália em massa, os nazistas utilizavam como ferramenta de manipulação as propagandas políticas. A máquina propagandística do Nazismo adulterava e distorcia acontecimentos para convencer as massas de que as decisões que tomavam eram as únicas suficientemente capazes de impedir o avanço de organismo que visavam o controle e a destruição da raça ariana.

Em 7 de abril de 1933, o partido nazista cria a lei que determinava a demissão de funcionários estatais julgados pelo governo como não confiáveis. Esta lei visava afastar dos cargos públicos opositores ao regime, principalmente judeus ou quem possuíssem relações diretas com eles, consolidando o início da segregação judaica no país. Foi intensificada a divulgação da marginalização do povo judeu, sob um regime antisemita, com a alegação da necessidade de um favorecimento do povo ariano devido a sua superioridade racial.

Um possível caminho para um entendimento do que então ocorria na Alemanha, pode ser encontrado nas narrativas literárias. No livro que constam as memórias de Mietek Pemper, judeu que vivenciou este período, *A Lista de Schindler: a verdadeira história*, podemos observar como ocorreu este processo gradual de marginalização do povo judaico, através de uma visão pessoal e emocional de como as leis nazistas foram se infiltrando na sociedade polonesa e alemã, excluindo seus inimigos. Já ao observar as memórias de Anne Frank, uma adolescente judia alemã, reunidas na obra *O Diário de Anne Frank*, que relata os anos de confinamento de sua família em um sótão na cidade de Amsterdã, podemos ver que muitos judeus tentaram fugir das determinações

nazistas, porém são alcançados por elas e obrigados a viver na clandestinidade.

Estes dois livros diferentes tem um mesmo propósito: apresentar, através de uma visão individual, os diferentes tipos de horrores e repressões vividas pelos inimigos do Reich neste período.

Nos primeiros meses de 1933, a lei de 7 de abril iniciou no território alemão campanhas contra os judeus, que frequentavam as universidades, gerando assim não apenas perseguições e exclusões de funcionários, mas também de alunos. Foram destruídos livros de autores judeus ou caracterizados como não condizentes ao espírito não alemão.

Em 1933 fora criada a Gestapo, órgão responsável pela caça e captura de infratores políticos e cidadãos considerados inimigos do Reich. Esta organização era voltada para um serviço de espionagem encarregado de identificar planos que afetassem direta ou indiretamente os projetos do governo nazista e investigar denúncias de organizações opositoras ao regime. Posteriormente, passa a ser responsabilidade deste órgão identificar os cidadãos judeus residentes no país.

A Alemanha Nazista estabeleceu um governo baseado em uma campanha de terror contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica do povo ariano, pois pregavam a pureza racial no território ocupado pelo Reich. O território passa a ser governado por uma ditadura moderna que se difere centralmente das tiranias do passado pelo uso do medo e do terror para controlar a população.

Aos poucos, o partido nazista fora excluindo os judeus da vida social, política, econômica e cultural. O regime se empenhava em criar leis que destituíssem judeus de seus cargos e limitassem sua atuação na sociedade perante qualquer função, retirando seus direitos como cidadão alemão e posteriormente como ser humano. Para que a população ariana aderisse às ideias e práticas implementadas e, ao mesmo tempo, para justificar as medidas tomadas pelo governo nazista, Joseph Goebbels, então nomeado ministro da propaganda do Reich, divulga propagandas centrada na defesa dos interesses do partido, buscando fundamentar as normas governamentais contra os judeus.

"No outono de 1938, o reitor da Universidade Jaguelônica ordenou que estudantes judeus se sentassem obrigatoriamente em determinadas carteiras. Nós resistimos e assistimos às prelações em pé. Imediatamente foi decretada a ordem de proibição de ficar em pé durante às prelações – queriam nos obrigar a tomar assentos nas "carteiras judias".... Considerávamos a ordem de uma discriminação inócua e uma tentativa de introduzir na Polônia as "leis de Nuremberg", que desde '95 legalizavam a exclusão de judeus na Alemanha". (PEMPER, 2010, págs. 20 e 21)

Ação polonesa – determinação estabelecida no fim de outubro de 1939 pelo governo nazista no qual determina a deportação de milhares de judeus oriundos da Polônia, mesmo que já estivessem na Alemanha a décadas.

Na Polônia, após a invasão nazista, Mietek Pemper relata como ocorreu seu encontro com judeus alemães que conseguiram ou foram forçados pela chamada "ação polonesa", fugir das perseguições do Reich e foram em busca de exílio ou de condições para ir para outros países. Mietek conta que muitas destas pessoas avisaram aos que tiveram contato para também fugirem da Polônia, pois este país seria um dos alvos do regime nazista. Afirmavam, ainda, que o que ocorria na Alemanha rapidamente seria espalhado para os territórios conquistados pelo Reich.

"No final de 1938, eu pertencia àquele grupo de estudantes judeus com conhecimentos de alemão que se dispôs a prestar assistência aos judeus deportados.... Quantas vezes ouvi deles: "Jovem, tente deixar a Polônia o mais rápido possível; Hitler também virá para cá". Na época, eu considerava tais prognósticos um pânico exagerado, mas os deportados da Alemanha estavam firmemente convencidos de que o ímpeto expansionista de Hitler não pararia na fronteira da Polônia. Desde então, perguntei-me muitas vezes como todos nós, sobretudo as potências do Oeste, pudemos ser tão cegos". (PEMPER, 2010, págs. 26 e 27)

Uma das filósofas mais importantes do século XX, judia, que migrou para os Estados Unidos, Hannah Arendt, afirmou que a agressividade contra os judeus remete aos tempos antigos. O antissemitismo moderno adotado pelos nazistas nada mais seria do que uma versão leiga de populares superstições medievais que pregavam a ideia de uma secreta sociedade judaica que dominou ou procurou dominar o mundo desde a Antiguidade. O fato do povo judeu não possuir um território nacional próprio e ser obrigado a se submeter às leis e proteção de outra nacionalidade, com origens e crenças diferentes das suas, levaram o povo hebreu a uma grande vulnerabilidade perante a população de seu território residente. No começo da instauração do projeto antissemita nazista, os judeus não só naturalizaram os atos como também acreditaram que iriam fortalecer a comunidade judaica, reunindo-os em torno da oposição sistemática às práticas antissemitas.

O povo judaico era hostilizado pela população ariana desde antes da perda da Primeira Guerra Mundial por serem considerados culpados de Deicídio (responsabilidade pela morte de Jesus Cristo) e traição, tendo sua imagem comparada a de Judas; os textos sagrados eram julgados como suspeitos e havia a dificuldade por parte da população não judaica de se aceitar o novo testamento. Eram acusados também por usura, assassinatos ritualísticos, libertinagem e, até mesmo, pelo surto de Peste Negra. O antissemitismo moderno se baseia nas teorias raciais do século XIX, porém, com o diferencial de incitação à violência que futuramente viria a assumir no governo nazista um caráter genocida.

O documento conhecido como os **Protocolos dos Sábios de Sião** foi um dos mecanismos mais conhecidos pelos pesquisadores do tema para propagar uma ideia de conspiração semita, uma suposta ameaça judaica que visava a conquista do mundo, segundo as alegações nazistas. Este documento foi considerado como a prova de que os judeus teciam formas de eliminar a raça ariana, precisando, portanto, ser exterminados, antes que conseguissem alcançar seus objetivos.

As propagandas que difundiam a ideia de uma dominação da comunidade judaica sobre os principais líderes mundiais da época, o

presidente dos Estados Unidos da América Franklin Roosevelt, o ditador russo Josef Stalin e o Primeiro Ministro inglês Winston Churchill, tinham como objetivo conquistar todos os territórios mundiais e aniquilar em especial toda a população ariana, através da deflagração e uma nova guerra mundial era uma das mais emitidas pelo governo Nazista.

O artigo de primeira página abaixo, intitulado "Quem é o inimigo?"



Disponível em: <http://mautexjrhistory.blogspot.com.br/2014/04/propaganda-nazista.html>

Desde antes de 1939, podia se observar nos discursos e nas notícias divulgadas pelos jornais controlados pelos nazistas e sob a ordem do próprio Chanceler, o ódio de Hitler aos judeus e seus desejos de excluí-los da sociedade, privando-os de todos os seus direitos, e conseqüentemente a difusão de ideias que asseguravam o uso da força para expulsá-los da Alemanha. Segundo as propagandas, Hitler pregava que ele e o povo alemão estariam meramente respondendo às investidas, ameaças e injustiças de outros tempos. Essas propagandas expressavam uma indignação inocente e hipócrita, invertendo as relações de poder entre a Alemanha e os judeus: a Alemanha era a vítima inocente, enquanto os judeus eram todo-poderosos. Uma virada significativa ocorreu em 30 de janeiro de 1939, quando Hitler descreveu a guerra que ele preparava como a mais recente de uma longa série

de agressões perpetradas pela comunidade judaica internacional contra a Alemanha.

]

"Em 12 de abril de 1940, o governador geral Hans Frank anunciou:

" Os judeus precisam ser expulsos da cidade, pois é absolutamente insuportável que numa cidade que recebeu a alta honra do Führer de se tornara a sede de um importante órgão do Reich haja milhares e milhares de judeus vagando e possuindo apartamentos".

Evidentemente, na época não soubemos desse pronunciamento odioso, mas sofremos as conseqüências deel". (PEMPER, 2010, pág. 36)

A política antissemita do Terceiro Reich passa por três etapas distintas: a primeira fora entre os anos de 1933 e 1938 na qual os judeus seriam banidos da vida econômica, social e política por meio da aplicação de uma legislação antissemita de pogroms, boicotes comerciais, prisões, espancamentos públicos etc. Teria como objetivo principal reduzir os judeus alemães a uma minoria não reconhecida na Alemanha, retirando-lhes todas as condições econômicas, culturais e psicológicas de sobrevivência e expulsando-os do país como apátridas. Para alcançar os propósitos desta etapa, foram efetuados boicotes aos comerciantes judeus, queima pública de livros de autores não alemães, humilhação pública, todos os judeus deveriam carimbar em seu passaporte a letra "J", os homens tinham que adicionar Israel ao seu nome e as mulheres Sarah, além da promulgação de leis antissemitas.

Em 15 de setembro de 1935 o partido nazista decreta um conjunto de leis, conhecido como as Leis de Nuremberg, para retirar a cidadania alemã dos judeus e os proibirem de se casar ou ter relações sexuais com pessoas de "sangue alemão ou seus descendentes". Estas relações passam a ser consideradas como desonra racial e tornam-se infração penal. Estas leis definiam como judeu qualquer pessoa com três ou quatro avós judeus, não levando em conta se eram adeptos ou praticantes desta religião, ou convertidos para outras.

Em 18 de outubro de 1935 é instituída a Lei de Proteção à Saúde do Povo Alemão que estabeleceu, para aumentar o controle sob as relações entre judeus e alemães, a exigência de um certificado de aptidão das autoridades de

saúde pública para todos que quisessem casar. Estes documentos eram recusados para quem sofria de doenças hereditárias, contagiosas e para os que tentavam um casamento entre arianos e judeus.

Em 14 de novembro de 1935 as Leis de Nuremberg se estendem a outros grupos para impedir que fossem produzidos descendentes "racialmente suspeitos", ou seja, frutos de relações entre alemães e seus descendentes e os impuros classificados como judeus, ciganos, negros e seus descendentes.

Este conjunto de leis passa legitimar a segregação do povo judaico em todo o território alemão. Ser judeu passou a ser um crime em si. O partido Nazista promulgou 637 leis Raciais.

A segunda etapa aconteceu entre os anos de 1938 e 1941 através do recrudescimento do antissemitismo a partir da "Noite dos Cristais", do extermínio de homens e mulheres pelo trabalho forçado e das práticas de um programa de eutanásia através de massacres sistemáticos, proliferação de guetos e de campos de concentração. Os objetivos deste período remetem primeiramente a impedir que os judeus deixassem a Alemanha para posteriormente colocar em prática a ideologia eliminacionista do regime.

Noite dos Cristais, Alemanha - 9 e 10 de Novembro de 1938



Disponível em: https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/media_ph.php?ModuleId=10007697&MediaId=1804

A terceira e última etapa ocorreu entre os anos de 1942 e 1945 com as instalações dos campos de extermínio inaugurando nova fase da metódica eliminação dos judeus na Europa, acompanhada pelo avanço das tropas alemãs em direção ao leste Europeu. O objetivo desta fase era reagrupar os judeus em todos os lugares onde passassem a residir e, com a colaboração dos governos locais, enviá-los aos campos de extermínio.

“Até essa época Auschwitz era para mim o nome de uma cidade qualquer. A irmã mais velha de meu pai morava lá. (...) Auschwitz contava com quase quarenta mil habitantes e tinha sido uma antiga cidade guarnição austríaca; na idade média, tinha tido uma relação especial com a igreja católica. Em 1940, porém, os alemães escolheram Auschwitz como local para um campo de concentração, que foi aberto naquele mesmo ano e, mais tarde, passou a ser conhecido como Auschwitz I (campo matriz), uma vez que, sob o comando de Rudolf HöB e por ordem Heinrich Himmler, foi construído nas redondezas o campo de Auschwitz II (Birkenau) com suas câmaras de gás. Por fim, o complexo de Auschwitz se transformou no maior cemitério da história – até o fim da guerra, ali foram assassinados aproximadamente um milhão de judeus e cem mil poloneses, sem contar as muitas vítimas de outros países e grupos étnicos”. (PEMPER, 2010, pág. 38)

Complexo de Auschwitz, Polônia, 1940-1945

Auschwitz I



Disponível em: <http://jovempan.uol.com.br/noticias/mundo/campo-de-concentracao-de-auschwitz-bate-novo-recorde-de-visitantes.html>

Auschwitz II



Disponível em: <https://dunapress.org/2017/12/14/toda-vida-europeia-morreu-em-auschwitz/>

Auschwitz III



Disponível em: www.collections.ushmm.org/search/catalog/pa1142954

Caracterizado como o principal campo de extermínio nazista, o Campo de Auschwitz é um complexo de campos de concentração estabelecido na Polônia em 1940. É formado pelos campos principais Auschwitz I (criado em 1940), destinado à administração, Auschwitz II ou Auschwitz Birkenau (criado em 1941), local de realização dos extermínios e Auschwitz III ou Auschwitz – Monowitz (criado em 1942), voltado para a exploração do trabalho dos prisioneiros. A estimativa é que o complexo recebeu aproximadamente 1.305.000 prisioneiros, sendo 1.082.000 mortos nos três campos.

Os nazistas se propuseram a destruir os judeus por serem possuidores de duas originais razões específicas: primeiro, consideravam as origens judaica maléfica e um perigo imediato para a Alemanha nazista, os poderes judaicos se estendiam por séculos pelo mundo afora e só um desenraizamento radical curaria o mundo e os nazistas visavam construir uma civilização que não possuísse débito histórico e moral com os judeus. O que mais incomodava os nazistas, para além das questões raciais e de conspirações internacionais, era o fato de que os judeus detinham uma explicação para a identidade e império alemães.

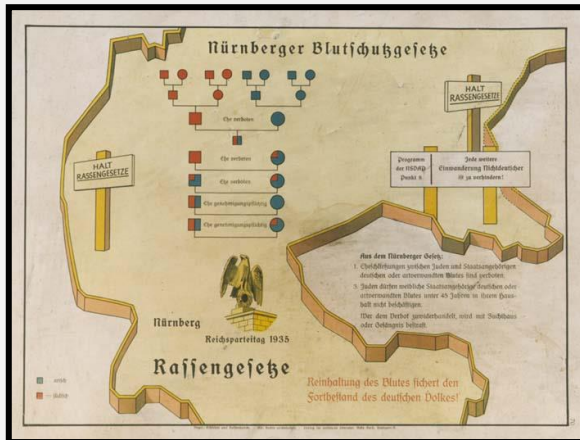
"Die Nurnberger Gesetze" [As Leis Raciais de Nuremberg]



Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007902>

O cartaz mostrava colunas que explicavam quem eram os "Deutschbluetiger" [cidadãos de sangue alemão], os "Mischling 2.Grades" [mestiços em 2º grau], os "Mischling 1. Grades" [mestiços em 1º grau], e "Jude" [judeu]

Cartaz sobre a eugenia intitulado "A Lei de Nuremberg para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães"



Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007902>

A ilustração é um mapa estilizado das fronteiras da Alemanha central, sobre as quais é superposto um esquema mostrando os níveis de matrimônio proibidos entre arianos e não-arianos, e o texto da Lei para a Proteção do Sangue Alemão. O texto em alemão no rodapé diz: "Manter a pureza do sangue assegura a sobrevivência do povo alemão".

"Na Polônia, os alemães introduziram a diferenciação entre "alemães do Reich" e "alemães do povo". Lembro-me do que meu venerável professor de latim, o diretor ginasial Edward Turschimid. Como patriota polonês, ele não queria se inscrever na "lista do povo" que os ocupantes introduziram logo após a ocupação.... O diretor Turschimid queria permanecer polonês e esse simples desejo era visto pela população alemã como afronta". (PEMPER, 2010, pág. 24)

LEIS ANTISSEMITAS NA ALEMANHA (1933-1937)

1933

31/03 - Decreto do comissário de saúde de Berlim proíbe médicos judeus de prestarem atendimento voluntário na cidade.

07/04 - A Lei referente à Admissão na Profissão Legal proíbe o ingresso de judeus na Ordem dos Advogados.

14/06 - A Lei de Desnaturalização revoga a cidadania de judeus naturalizados e "indesejáveis."

04/10 - A Lei dos Editores proíbe os judeus de exercerem cargos editoriais.

07/04 - A Lei para o Restabelecimento do Serviço Público Profissional demite os judeus de cargos governamentais.

07/04 - A Lei referente à Admissão na Profissão Legal proíbe o ingresso de judeus na Ordem dos Advogados.

25/04 - A Lei contra Superlotação de Escolas e Universidades limita o número de estudantes judeus em escolas públicas.

1935

15/09 - Os líderes nazistas anunciam as Leis de Nuremberg

21/05 - A Lei Militar expulsa os oficiais judeus do exército alemão.

1936

11/01 - A Lei A Medida Executiva referente à Lei de Impostos do Reich proíbe os judeus de trabalharem como consultores fiscais.

03/04 - A Lei dos Veterinários do Reich proíbe aos judeus o exercício da profissão de veterinário.

15/10 - O Ministério da Educação do Reich proíbe professores judeus de lecionarem em escolas públicas.

1937

09/04 - O prefeito de Berlim ordena que as escolas públicas não aceitem crianças judias até segunda ordem.

LEIS ANTISSEMITAS NA ALEMANHA (1938-1939)

1938

05/02 - A lei referente à Profissão de Leiloeiro proíbe os judeus de exercerem essa profissão...

22/04 - O Decreto contra a Camuflagem de Firmas Judias proíbe a mudança de nomes de firmas pertencentes a judeus.

11/07 - O Ministério do Interior do Reich proíbe os judeus de frequentarem estações de águas termais.

03/10 - O Decreto referente ao Confisco de Propriedades Judaicas determina a transferência de bens de judeus para alemães não-judeus.

05/10 - O Ministério do Interior do Reich invalida todos os passaportes alemães em posse de judeus. Os judeus recebem a ordem para entregarem seus passaportes antigos, os quais seriam revalidados somente após a inclusão da letra "J" em suas páginas..

28/11 - O Ministério do Interior do Reich restringe a livre circulação dos judeus

14/12 - A Medida Executiva referente à Lei para Organização do Trabalho Nacional cancela todos os contratos estaduais estabelecidos com firmas de judeus.

01/08 - O Presidente da Loteria Alemã proíbe a venda de bilhetes a judeus.

05/01 - A lei referente à Mudança de Nomes e Sobrenomes (de família) proíbe os judeus de mudarem seus nomes.

18/03 - A lei referente ao Comércio de Armas proíbe aos judeus a venda de armas.

26/04 - A Ordem para a Declaração de Bens Judaicos obriga os judeus a declararem todas suas propriedades cujo valor exceda 5.000 reichmarks.

17/08 - A Medida Executiva referente à Mudança de Nomes e Sobrenomes (de família) obriga os judeus a adotarem um nome adicional: "Sara" para as mulheres e "Israel" para os homens.

12/11 - O Decreto referente à Exclusão dos Judeus da Vida Econômica Alemã ordena o fechamento de todas as firmas pertencentes a judeus

05/11 - O Ministério da Educação do Reich expulsa todas as crianças judias das escolas públicas

29/11 - O Ministério do Interior do Reich proíbe os judeus de terem pombo correio

21/12 - A Lei referente às parteiras proíbe às judias o exercício da profissão

1939

21/01 - O Decreto Referente à Entrega de Metais e Pedras Preciosos ordena a entrega destes bens que estejam de posse de judeus ao Estado

Seguiram-se às leis de Nuremberg outras medidas que aceleraram a arianização da economia. O banimento dos judeus de diversas profissões, a remoção de concessões tributárias para judeus com filhos, forçando o registro de bens judeus e muitas outras determinações, foram retirando de vez os judeus da economia alemã. Ao acompanhar os relatos de Mietek Pemper em *A lista de Schindler: a verdadeira história* pode-se ter uma dimensão mais real de como se deu este processo de segregação judaica. Seus relatos são de experiências como judeu na Polônia, mas a segregação sofrida por ele também foi imposta a todos os judeus em territórios dominados pelo Terceiro Reich ou por seus aliados. A comparação entre as autobiografias de Mietek, Anne Frank e Primo Levi, outra vítima do projeto nazista que relata suas memórias em uma autobiografia, intitulada *É isto um homem?*, nos permite ter acesso as informações pessoais dos horrores enfrentados pelos presos nos campos de Auschwitz e comprovar que não importava as fronteiras territoriais. Desde que estivessem em territórios dominados pelos adeptos das políticas antissemitistas de Hitler, estariam sujeitos às mesmas repressões. Assim, os

os judeus foram sendo excluídos da sociedade gradativamente até serem obrigados a se refugiarem nos chamados guetos e posteriormente enviados aos campos de concentração.

Os guetos eram regiões urbanas, em geral cercadas, onde os alemães concentravam a população judaica local, muitas vezes de outras regiões, e a forçava a viver sob condições miseráveis.

“Em 6 de março de 1941, o *Krakauer Zeitung* (jornal cracoviano), notificou a construção de um gueto Podgórze. A justificativa foi a seguinte:

“considerações sanitária, econômicas e policiais tornam imperativo o alojamento da parte judia da população da cidade de Cracóvia em uma área especial da cidade, o distrito de moradia judia”.

Com a construção do gueto, o isolamento dos judeus intensificou-se mais uma vez. Para os poloneses não-judeus do distrito de Podgórze essa ordem significava que deveriam deixar seus apartamentos imediatamente e desistir de suas lojas e escritórios. Agora, queriam encerrar quinze mil judeus em uma área que antes servia de moradia para três mil pessoas. A necessidade de espaço foi calculada por janela (...) oito pessoas tinham de morar em um mesmo cômodo (isso, frequentemente, correspondiam a duas famílias)”. (PEMPER, 2010, págs. 42 e 43)

Gueto Judaico estabelecido em Varsóvia na Polônia, 1940 – 1942.



Disponível em <http://www.bpb.de/geschichte/nationalsozialismus/geheimsache-ghettofilm/156549/das-filmfragment-ghetto?type=galerie&show=image&i=157335>

Em novembro de 1940, todos os residentes judeus de Varsóvia, Polônia, foram intimados a se deslocarem para uma área designada pelos nazistas, a qual foi separada do restante da cidade por um muro com mais de 3 metros de altura, protegido por arames e vigiado de perto constantemente para impedir quaisquer relações entre os residentes do gueto e o restante da população de Varsóvia. Esta área ficou conhecida como o Gueto de Varsóvia e é considerado o maior gueto da Europa no período nazista. Foi a prisão de mais de 400.000 judeus que ali viviam em condições miseráveis e em constante luta pela sobrevivência física e espiritual.

O Ministério do Interior começou a elaborar uma nova lei, promulgada em 17 de agosto de 1938, que tornou compulsório a todos os judeus o uso de um nome judaico, se não o possuísem, deveriam adicionar o nome "Israel" ou "Sara" a seus nomes a partir de 1º de janeiro de 1939. Com isso, passam a ser identificados pelos documentos de identidade pessoal que todo alemão, conforme costume de longa data, era obrigado a trazer consigo e mostrar às autoridades quando solicitado.

No dia 7 de novembro de 1938, um judeu polonês de 17 anos chamado Herschel Grynszpan, foragido das políticas antissemitas no território do Reich e refugiado em Paris, buscou vingança contra o partido nazista e às condições que estava sendo obrigado a se submeter, atirando em Ernst Von Rath, diplomata de carreira da embaixada alemã. Com o intuito de usá-lo a favor dos interesses do regime, o governo orientou os editores alemães a dar grande destaque para o evento, instruindo-os para que em seus comentários

fossem enfatizadas as ideias sobre uma conspiração judaica que sofreria uma represália nazista e que traria as piores consequências tanto para os judeus na Alemanha como para os judeus estrangeiros.

Em 8 de novembro, o partido ordena a liberação de pogroms, em retaliação ao ato cometido por Herschel Grynszpan. Foram encorajadas ações que incluíam incêndios a sinagogas, destruição de propriedades judaicas e ataques contra indivíduos judeus. Em 9 de novembro, o dia em que os nazistas reuniram-se em Munique para celebrar o frustrado Putsch da cervejaria de novembro de 1923, Hitler recebe a notícia de que Von Rath morreu em decorrência de seus ferimentos. Ao invés de seguir o costume esperado, Hitler não discursou aos veteranos do partido. Após cochichar algo com Goebbels, retira-se do recinto deixando a tarefa de contar aos presentes sobre a morte do diplomata ao Ministro da Propaganda, que proferiu um discurso "denunciando 'o judaísmo internacional'. Sem dizê-lo explicitamente, deixava claro que o partido deveria organizar e conduzir 'protestos' contra os judeus por todo o país.

Em decorrência deste episódio, Goebbels escreve em seu diário sobre o discurso em que deu as diretrizes para que a polícia não se metesse nos protestos do povo e para que as lideranças do partido não deixassem transparecer que estavam por trás das manifestações.

Vou à recepção do partido na Velha Prefeitura. Grande tumulto. Explico o problema ao Führer. Ele decide: os protestos devem continuar. A polícia não deve intervir. Hoje, os judeus não de sentir a fúria do povo. Isso é certo. Dou imediatamente as diretivas necessárias ao governo e ao partido. Então discurso brevemente nesse sentido às lideranças partidárias. Sou ovacionado. Todos correm para o telefone. Agora o povo agirá (Trecho do diário pessoal de Goebbels - HERF, 2014, pág. 89).

Os historiadores tem encarado o 9 de novembro de 1938, conhecida como a "Noite dos Cristais" como uma ruptura dramática nas políticas nazistas, uma torrente de violência louca que não se ajusta inteiramente nem à ideologia racial e discriminação legal dos anos de pré-guerra, nem ao extermínio burocrático conduzido pelo Estado durante a guerra.

Nessa mesma noite, é ordenada uma investida física maciça e coordenada a judeus da Alemanha, combinada com a detenção de todos os homens judeus que pudessem ser encontrados e seu encarceramento em

campos de concentração. Este evento foi visto como a oportunidade ideal para intimidar o máximo possível os judeus para que deixassem a Alemanha por meio de uma explosão nacional aterrorizante de violência e destruição.

Tora



Disponível em
: <https://www.blogodorium.com.br/baixar-tora-traduzido-para-portugues-de-graca/>

O resultado desta noite foi de grande prejuízo para a comunidade semita. Casas e comércios judaicos foram invadidos e roubados, inúmeras sinagogas foram queimadas e destruídas, cerca de 100 judeus foram mortos e outros tantos foram espancados, agredidos e humilhados em praça pública, milhares de Toras foram queimados ou destruídas.

Aproximadamente 30 mil judeus homens foram presos e enviados aos campos de concentração, distribuídos em Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen.

Campo de Dachau, Alemanha – 1933 – 1945



Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005214>

O campo de concentração de Dachau, formado em 1933, foi o primeiro campo de concentração criado pelo regime nazista. Tinha como principal característica o trabalho forçado, além de ser um centro de treinamento para guardas do campo de concentração da SS. A organização e a rotina do campo tornaram-se o modelo para todos os campos de concentração nazistas. Ficou em operação durante todo o período do Terceiro Reich sendo desfeito apenas com as invasões soviéticas em 1945.

Apesar do incentivo dos nazistas, os atos de violência citados anteriormente foram cometidos pela própria população ariana contra seus vizinhos e pessoas que já foram, de certa forma, próxima a eles. Não era um ato de violência voltado para um grupo desconhecido, mas sim a pessoas que muitas vezes eram seus conhecidos de longa data e que nunca lhes fizeram mal algum. Os que não participavam diretamente dos atos, simplesmente se omitiam. Poucos foram os cidadãos arianos que se atreveram a ir contra as determinações do Reich, pois, apesar de serem assegurados pelas leis raciais, poderiam ser considerados traidores do regime por associação aos judeus e também terem seus direitos caçados.

Existe uma visão comum de perseguição e extermínio dos judeus como um processo frio, administrativo, industrial, exemplificado pelo maior campo de extermínio nazista, Auschwitz. Há uma tradição na historiografia do holocausto de deixar o elemento humano de fora. A abordagem funcionalista tende a tratar o holocausto como processos estatais impessoais, administrativos, estruturais, como se a história fosse feita por estruturas e não seres humanos. Com as leituras autobiográficas podemos ter uma noção mais pessoal do que foi vivenciado nesta época, fortalecendo as responsabilidades daqueles diretamente envolvidos na concretização do projeto estatal.

Após a Noite dos Cristais a situação do povo judaico piorou cada vez mais. O regime nazista passa a propagar a necessidade de se achar uma solução final para a questão judaica. Diversos planos começam a ser cogitados para resolução deste “problema”, entre eles vale ressaltar o Plano Madagascar. Produzido em 1940, este plano fazia parte de muitos outros que visavam a limpeza de raças no território ariano. Tinha como objetivo dominar a França e enviar um enorme grupo de judeus para a colônia francesa de Madagascar. Mas, para a realização de tal plano, seria necessária a utilização da marinha britânica e como a Grã-Bretanha ainda não havia sido derrotada, o plano fora abandonado. Estes e muitos outros planos foram cogitados, porém todos

acabariam culminando no surgimento de campos de extermínio e das câmaras de gás, implementados para aniquilar a população judaica.

Um dos objetivos principais do regime nazista era unificação de todos os territórios pertencentes à raça ariana sob o seu domínio. Esta unificação justifica-se pela teoria de superioridade da raça, que exigia um amplo território para se desenvolver (conhecido como "espaço vital"). Partindo desta teoria, os nazistas dão início ao seu plano em meados de 1939 ao invadirem e dominarem o território polonês. Após a invasão das tropas alemãs, são implementadas na Polônia as mesmas medidas para "libertar" a população ariana das influências do povo judaico. Diferentemente das medidas tomadas na Alemanha, os nazistas foram muito mais agressivos e intolerantes com o povo judaico polonês do que com o alemão. Logo após a invasão, foram construídos diversos campos de concentração e fora negado o direito desta comunidade de sair do país. Os judeus foram obrigados a largar suas casas e passar a viver isolados em guetos, que posteriormente foram desativados quando os judeus foram enviados em massa para os campos de concentração, trabalho e futuramente extermínio.

A história do povo judaico é marcada por uma natureza de um povo sem governo, sem país e sem idioma. Estes elementos tornaram sua história política dependente de fatores e imprevistos diretos de outras nações, trazendo consequências fundamentais, tornando-os um alvos desprotegidos e a mercê das determinações do governo local. Após a implementação dos campos de concentração, este povo se tornaria o mais perseguido, torturado e violentado, tanto fisicamente como emocionalmente pelos nazistas e seus seguidores. Nos campos de concentração, seriam a escória dos prisioneiros

Principais Campos de Concentração Nazista

Nome do campo	País	Tipo do Campo	Tempo de operação	Nº estimado de mortes
Auschwitz	Polônia	Trabalho e Extermínio	04/1940 a 01/1945	1.300.000
Belzec	Polônia	Extermínio	03/1942 a 06/1943	600.000
Bergen-Belsen	Alemanha	Coleta	04/1943 a 04/1945	70.000
Buchenwald	Alemanha	Trabalho	06/1937 a 04/1945	56.000
Dachau	Alemanha	Trabalho	03/1933 a 04/1945	28.000
Mauthausen	Austria	Trabalho	08/1938 a 05/1945	95.000
Neuengamme	Alemanha	Trabalho	12/1938 a 05/1945	55.000
Plaszow	Polônia	Trabalho	12/1942 a 01/1945	9.000
Sachsenhausen	Alemanha	Trabalho	Julho de 1936 - Abril de 1945	100.000
Sobibór	Polônia	Extermínio	05/1942 a 10/1943	200.000
Treblinka	Polônia	Extermínio	07/1942 a 11/1943	900.000
Westerbork	Holanda	Agrupamento e Trabalho	10/1939 a 04/1945	—

Fonte: EVANS (2014); CONFINO (2016); HERF (2016). Elaboração própria.

Campos de Trabalho – Concentração de prisioneiros destinados ao trabalho em fábricas de adeptos ao nazismo, responsáveis por desenvolver produtos voltados para a guerra tais como: armas, roupas ou sapatos para soldados.

Campos de Agrupamento – Lugares para onde os presos eram levados e aguardavam para qual tipo de campo seriam destinados.

Campos de Extermínio – Lugares para onde os presos eram enviados para serem exterminados em massa através das câmaras de gás. Seus corpos eram queimados em grandes fornos construídos unicamente para este fim.

Estas denominações eram dadas de acordo com o que mais era empregado nestes campos, não necessariamente eram as únicas formas que existiam nestes lugares. Por exemplo, um campo de extermínio também poderia abrigar trabalhadores e em um campo de trabalho também poderiam haver extermínios em massa.

3) O HOLOCAUSTO EM ANDAMENTO

Holocausto – a palavra em si significa sacrifício ou assassinato em que a vítima é inteiramente queimada. A partir deste significado, pode-se entender o porquê deste período ter este nome.

Com as ideias que fermentaram após a “Noite dos Cristais”, os nazistas intensificaram seus planos de se encontrar uma solução para aniquilar a população judaica residente na Europa. Os nazistas apresentavam as políticas antisemitas e a necessidade de uma Solução Final para esta questão como um ato defensivo, um movimento necessário para destruir os judeus, antes que estes destruíssem a Alemanha.

O Holocausto foi um acontecimento de varias faces, com múltiplas causas, e que não pode ser reduzido a uma única explicação. Não é fácil aceitar que um conjunto de ideias raciais, que não era dominante antes de 1933, fosse aceito com tanta rapidez pelos alemães. Nos assuntos humanos, mesmo as transformações mais radicais, são sustentadas por memórias, crenças e hábitos mentais anteriores. Este período é caracterizado pela perseguição sistemática, burocrática e pelo assassinato, patrocinados pelo Estado, de aproximadamente seis milhões de judeus.

O Holocausto precisa ser visto no contexto dos planos nazistas para o continente como um todo, o que envolve transferências populacionais em bloco, reassentamentos forçados – o que chamaríamos hoje de “limpeza étnica” – e a remoção indiscriminada de grupos tidos como destoantes de “bioutopia”. Pouca diferença faz, é claro, se o antisemitismo de Hitler nasceu de uma aversão pessoal, de erros percebidos ou de seu oportunismo político.

Através da memória de pessoas que vivenciaram este período, sobreviventes ou não, é possível ter uma visão mais pessoal e detalhada dos acontecimentos que atormentavam a Europa, entre os anos de 1930 a 1945, e assim comparar as atuações nazistas que ocasionaram no Holocausto. A disseminação das ideias de Hitler e o alcance de suas determinações não se restringiram apenas ao território alemão.

Com a invasão e unificação de territórios julgados pelos nazistas como essenciais para o crescimento e fortalecimento da raça ariana e a consequente invasão do Território Polonês, em 1939, que marcou o início da segunda Guerra Mundial, os ideais de pureza racial e antisemitas foram se expandindo junto às conquistas nazistas. As Leis de Nuremberg e as leis raciais foram sendo impostas a todos os novos territórios anexados e ao dos aliados da Alemanha durante este período. Para cada nação conquistada, as leis se modificavam e se adequavam para atender aos interesses nazistas. Nestes territórios, porém, o ponto em comum entre elas é a ideia de exclusão de todos os judeus da sociedade europeia.

Invasão Alemã à Polônia



Disponível em: www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005069

Exército alemão nos arredores de Varsóvia, setembro de 1939

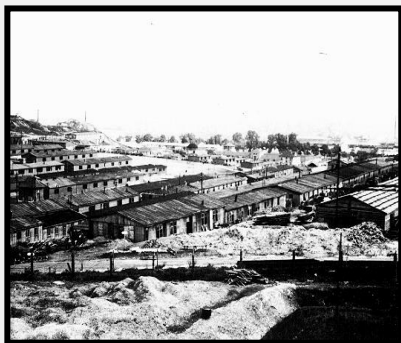


Disponível em: www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_ph.php?ModuleId=10005069&MediaId=564

Para uma melhor compreensão do holocausto, podemos observar a memória de três pessoas que vivenciaram este período, sobrevivente ou não, mas que conseguiram deixar registrados em formas de autobiografias suas experiências e pensamentos acerca destes anos. Mostrando-nos de uma forma mais detalhada do que era, em suas opiniões, a vida de um judeu durante esta época, dentro e fora de um campo de concentração. Usando como base as autobiografias de Mietek Pemper, Primo Levi e Anne Frank, tentarei mostrar um pouco de como da vida de um judeu na época nazista, situações tão diferentes, mas ao mesmo tempo iguais.

Mietek Pemper era um judeu Polonês nascido em 1920, na Cracóvia. Sendo originário de uma família tradicionalmente cracoviana e judia, Mietek dominava o polonês e o hebraico. Em meados de 1939, por necessidade de entender o que estava acontecendo na Polônia com a invasão alemã, aprende alemão como uma forma de se interar e tentar ajudar a população polonesa a lidar com os desdobramentos desta ocupação. O livro retrata a vida de um jovem Judeu que teve sua existência mudada com a invasão alemã a Polônia em 1939. A partir desta data, sua vida sofre um grande sobressalto.

Campo de Plaszów



Disponível em:

https://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?ModuleId=10005301&MediaId=2819

Inicialmente, é obrigado a se mudar com sua família para um gueto e a largar as duas faculdades que cursava, direito e economia. Posteriormente, é enviado ao campo de trabalhos forçados, Plaszów, que mais tarde seria transformado em um campo de concentração. Neste campo, conhece as personificações, segundo ele, de um anjo, Oskar Schindler, e de um demônio Amon Goth. E, finalmente, sua readaptação à liberdade com a derrota e dissolução dos campos de concentração em 1945.

Oskar Schindler

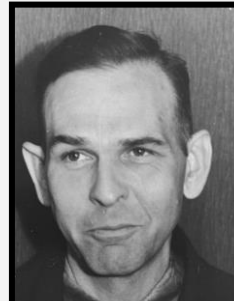


Oskar Schindler era um famoso empresário alemão nazista, que utilizou sua fábrica para ajudar a garantir a sobrevivência de milhares de judeus. Infiltrou-se junto aos principais dirigentes da SS como aliado, para que pudesse ter acesso aos planos de deportação de alguns guetos e para conseguir a regalia de transferir para sua fábrica a quantidade de judeus que julgasse necessária. Ficou famoso após o filme a Lista de Schindler.

Disponível em: http://real-life-heroes.wikia.com/wiki/Oskar_Schindler

Amon Goth

Amon Goth era um alemão nazista chefe do campo de trabalho Plaszów, que mais tarde se tornaria campo de concentração. Era um dos assassinos mais cruéis da SS. Com sua impetuosidade, aterrorizava a vida dos judeus em seu campo, estes nunca sabiam se seriam fuzilados ao cruzarem com Goth.



Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1041733>

A obra inicia-se com as lembranças do período de sua infância, passando por sua juventude, e as conseqüentes transformações na sociedade polonesa antes e após a invasão alemã em 1939. Após a escola, Mietek consegue permissão especial para cursar duas faculdades diferentes, a do curso de direito e a do curso de economia. Privilégio que foi revogado com a invasão alemã. Em 1938 Mietek sofre seu primeiro choque de discriminação, o reitor da universidade em que estudava direito, ordenou que os estudantes poloneses sentassem obrigatoriamente em determinadas cadeiras. Diante de tal determinação, os alunos se rebelaram e assistiram a aula em pé. Logo em seguida, foi decretado que não seria mais permitido assistir as aulas em pé. As

“cadeiras judias”, como ficaram chamadas, consolidaram a discriminação aos judeus. Tal fato era uma das tentativas de se introduzir na Polônia as Leis de Nuremberg e antissemitas criadas na Alemanha a partir de 1933. A implementação das determinações desse conjunto de leis começou a atrair alunos de diferentes instituições que se dirigiam até a universidade para ver seu cumprimento, transformando em espetáculo público as humilhações sofridas pelos judeus.

Em 1939 os alemães invadem a polônia e transformam as cidades de Cracóvia e Varsóvia em área central do governo geral polonês. Um dos marcos de memória de Mietek foi quando se estabeleceu a lei de que a população deveria se inscrever em duas listas onde se intitulavam “alemão do Reich” e “alemão do povo”. Seu antigo professor de Latim se recusou a se inscrever como “alemão do povo”, pois não queria perder sua identidade como polonês o que lhe causou grandes problemas, pois fora proibido de dar aulas e sofreu privações extraordinárias. A obrigação de se inscrever nestas listas remete ao fato de que seria uma obrigação renegar suas memórias, sua vida e sua identidade até o presente momento.

A ordem de que os judeus poloneses que viviam na Alemanha deveriam retornar a Polônia, desencadeou uma necessidade de funcionários, nas sedes de governo judaico, de domínio tanto da língua polonesa como da alemã. Neste momento, Mietek já estava bastante familiarizado com o idioma e se candidata a um cargo na sede administrativa judia. Sua função inicial era a de prestar assistência aos judeus que emigravam da Alemanha. Durante o desempenho de sua função, recebeu inúmeros conselhos destes deportados para que deixasse a Polônia, pois eles alegavam que Hitler iria para lá, o que não levou em consideração. Assim como outros conhecidos, achava que o pânico era exagerado. Posteriormente, se perguntou e se culpou do por que não dera mais atenção aos emigrantes.

Em 1939 Hans Frank, líder alemão que controlava a Polônia, introduziu o trabalho forçado para a população polonesa, ou seja, todos os poloneses eram obrigados a trabalhar ao bel prazer dos alemães. Os judeus foram os que mais sofreram com estas determinações, pois sofriam batidas policiais para que lhes fosse obrigado cumprir trabalhos braçais. Certa vez Mietek foi abordado na rua e obrigado a carregar móveis do quarto andar de um prédio para um caminhão estacionado na frente do edifício, enquanto apanhava.

Em meados de 1940 são criados os conselhos judeus, a partir das sedes administrativas já existentes, que recebiam ordens da ocupação alemã e tinham o dever de cuidar para que fossem executadas. Em 1941, Mietek consegue autorização para morar no gueto, e passa a ter como função transcrever as ordens secretas originárias dos principais órgãos de controle da SS. Através desta nova função, conseguiu juntar informações e elaborar estratégias para proteger sua família e lhes permitir a permanência nos guetos.

Alguns judeus que eram acusadas de não cumprimento das ordens vindas do Reich, ou que tentavam falsificar seus documentos e eram apanhados pelos membros da SS, eram enviados a Auschwitz, até então conhecido como apenas um campo de concentração. Porém, com o passar do tempo, tanto Mietek, como outros companheiros de trabalho, começam a perceber que após um determinado período da chegada do indivíduo neste local, a comunidade judia recebia uma carta lhes alertando sobre seu falecimento de parada cardíaca e que as cinzas poderiam ser retiradas mediante o pagamento de cinco marcos ao Reich. Para ele, estava cada vez mais claro que este local era um campo de extermínio.

Desde antes de seu envio ao campo de Plaszów, Mietek já havia percebido que reunir informações era a maior arma que poderia encontrar para garantir sua sobrevivência e a de seus familiares, e que seu silêncio valia muito. Suas memórias tanto podiam colocá-lo em risco, como poderiam ser sua maior arma para lutar. A partir de seus feitos, podemos comprovar a importância da memória, que muitas vezes serve para que aprendamos com os nossos, mas principalmente, com os erros dos outros, e que um indivíduo nunca deve ser subestimado quando sua identidade individual e coletiva é posta em jogo.

Mais tarde, em 1942, Mietek recebe a função de escrever panfletos de salvo conduto para alguns integrantes da comunidade judaica colarem em suas portas, para que assim não fossem deportados para nenhum campo de concentração ou de extermínio. Isso o ajudou a perceber que a evacuação obrigatória para estes campos estava próxima.

Nos dias 13 e 14 de março de 1943 ocorreu um intenso massacre no gueto em que residia. Apenas poucas pessoas conseguiram sobreviver e entre elas estava Mietek. Os sobreviventes a este assassinato em massa foram enviados para o campo de Plaszów.

Na seleção de trabalho no campo de concentração, Mietek fora obrigado a trabalhar diretamente como escrivão do lendário Amon Goth, que na época era o chefe do campo e conhecido como um assassino em série. Sua família também é enviada para campo e usando-se de seu novo posto como funcionário direto de Goth, logo consegue um emprego para o pai de administrador do depósito de comida, assim evitando que fosse morto pelos soldados por causa da deficiência decorrente de um anterior acidente de trabalho.

O núcleo principal da narrativa reside nas lembranças acerca dos esforços de Mietek, enquanto estava confinado em Plaszów, para impedir a deportação de judeus para o campo de extermínio de Auschwitz e, ao mesmo tempo, evitar o fuzilamento em massa dos detentos, além do próprio risco de que Goth descubra suas tramas e ele próprio acabe sob a mira de sua arma. Um de seus maiores planos de sobrevivência tem a ajuda do então famoso empresário alemão Oskar Schindler, figura decisiva para a sobrevivência de 1200 judeus.

Um dos maiores traumas presenciados por Mietek durante seu trabalho direto com Goth eram as sessões de assassinatos repentinos cometidos por ele apenas baseado em seu estado de espírito atual. Em um de seus relatos, ele reconta um episódio de quando fora chamado ao escritório para um ditado e, no meio de uma sentença, Goth abre a janela e atira em algumas pessoas. Depois, volta a ditar a frase como se nada tivesse acontecido e perguntava onde haviam parado. Em seu livro ele reconta torturas sofridas pelos detentos que tentavam contrabandear comida para dentro do campo, além de relatos de violência vivida por judeus.

Muito rapidamente Mietek aprendeu que quanto mais agradasse Goth, mais tempo conseguiria garantir sua sobrevivência e não seria devidamente controlado, lhe possibilitando, assim, conseguir acesso a diversos documentos secretos e juntar o máximo de informações para proteger seu povo no campo.

No final de 1943 ocorre o primeiro contato entre Mietek e Oskar Schindler. Mietek via nele um homem que sem preconceitos, que não os considerava subumanos. Nesta época os judeus sobreviventes já haviam desistido de suas identidades coletivas, alguns poucos que se mantinham resistentes procuravam não divulgar suas esperanças e fingiam ter abraçado a

nova identidade criada pelos nazistas. Em Plaszów, afirma Mietek, já se viam como criaturas renegadas, como seres que não mereciam viver.

Em todo o período de estadia no campo de Plaszów, era gerada uma grande incerteza se os detentos sobreviveriam até o final da guerra. Em tempos de desespero, Mietek colocava cada vez mais a sua vida em risco ao violar correspondências secretas entre os dirigentes da SS e Amon Goth.

Os feitos de Oskar Schindler para ajudar a salvar centenas de judeus ficaram conhecidos após o lançamento do filme de Steven Spielberg, a Lista de Schindler, lançado em 1993.

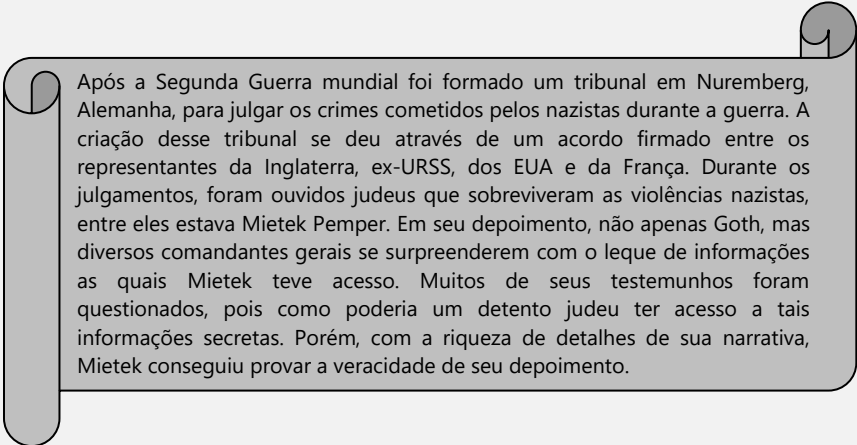
Capa do filme a Lista de Schindler



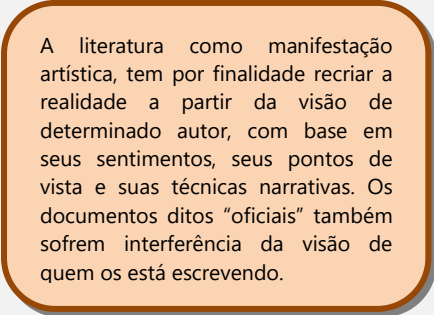
Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-9393/>

Através destas violações, acaba descobrindo que os planos de se dissolverem o campo de Plaszów e enviar todos os judeus remanescentes para um campo de extermínio. De posse desta informação, Mietek e Schindler elaboram um perigoso plano para tentar salvar o maior numero de judeus remanescentes no campo: a elaboração de uma lista com nomes de judeus "aptos para o trabalho", que seriam solicitados por Schindler para trabalharem em suas fábricas. Tal episódio ficou conhecido como a Lista de Schindler.

Com o final da segunda guerra mundial, todos os 1.200 judeus que constavam na lista de Schindler foram salvos, muitos puderam depor, junto com sobreviventes de outros campos, contra as atrocidades exercidas pelos dirigentes da SS durante a guerra. Seus depoimentos foram essenciais para a condenação dos nazistas no Tribunal de Nuremberg.



Após a Segunda Guerra mundial foi formado um tribunal em Nuremberg, Alemanha, para julgar os crimes cometidos pelos nazistas durante a guerra. A criação desse tribunal se deu através de um acordo firmado entre os representantes da Inglaterra, ex-URSS, dos EUA e da França. Durante os julgamentos, foram ouvidos judeus que sobreviveram as violências nazistas, entre eles estava Mietek Pemper. Em seu depoimento, não apenas Goth, mas diversos comandantes gerais se surpreenderem com o leque de informações as quais Mietek teve acesso. Muitos de seus testemunhos foram questionados, pois como poderia um detento judeu ter acesso a tais informações secretas. Porém, com a riqueza de detalhes de sua narrativa, Mietek conseguiu provar a veracidade de seu depoimento.

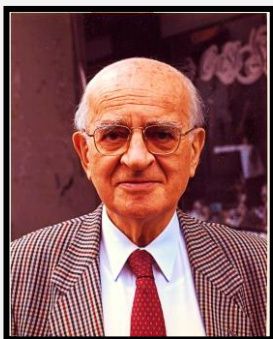


A literatura como manifestação artística, tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor, com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas. Os documentos ditos “oficiais” também sofrem interferência da visão de quem os está escrevendo.

A obra literária de Mietek Pemper é sustentada pela memória tanto individual quanto coletiva, assim como por alguns documentos descobertos que reforçam a veracidade dos fatos narrados. Porém, nem assim, podemos entender este relato como verdade absoluta.

A biografia de Mietek Pemper, além de ser uma importante obra literária, é também um corpus documental sobre o relato de sobrevivência a um dos períodos de maior terror do século XX. Em sua produção, as memórias relatam o processo de construção da identidade do povo judaico e de sua luta pela sobrevivência nos campos de concentração.

Mietek Pemper

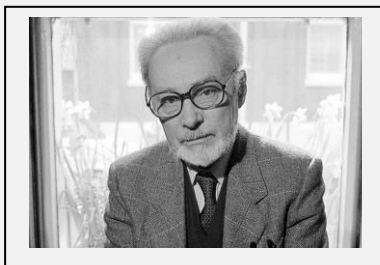


Disponível em:
<https://alchetron.com/Mietek-Pemper>

Após o lançamento do famoso filme de Steven Spielberg a Lista de Schindler, em 1993, Mietek passou a receber diversos convites em escolas e universidades para dar palestras sobre o que ocorria nos campos de concentração e como conseguiu sobreviver ao espetáculo de horror ao qual os judeus eram submetidos diariamente por Amon Goth. Suas memórias foram cruciais para preencher lacunas contra principais dirigentes da SS. O cargo exercido por ele na administração de Goth se transformou no seu maior trunfo durante e depois de sua estadia no campo Plaszów.

Outra autobiografia que também pode se constituir em um importante testemunho dos acontecimentos nos campos de concentração e das violências sofridas aos judeus é a do Primo Levi. Nascido em Turim, Itália, em 1919, Primo Levi é capturado em dezembro de 1943 por uma milícia fascista e deportado para o campo de Auschwitz III na Polônia. Em seu livro, narra desde a sua prisão até a conquista de sua liberdade. Ao contrário da obra de Mietek, sua narrativa reflete a dor e a desesperança nos campos de uma forma mais pessoal.

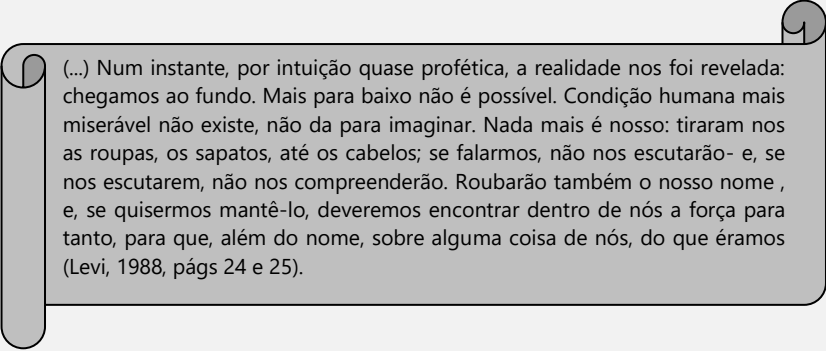
Primo Levi



Fonte: <http://jspacenews.com/primo-levi-holocaust-survivor/>

Através de suas memórias podemos saber, pelo seu ponto de vista, os detalhes de como eram feitos os transportes de prisioneiros para os campos de concentração. Por meio de um relato cheio de reflexão e de sentimentalismo, é possível vivenciar o desespero dos judeus ao serem trancados em trens super lotados, como diz Levi, iguais a animais, sem direito a água ou comida e sem saber o que os

aguarda, pois já haviam ouvido rumores de locais destinados unicamente a morte de prisioneiros.

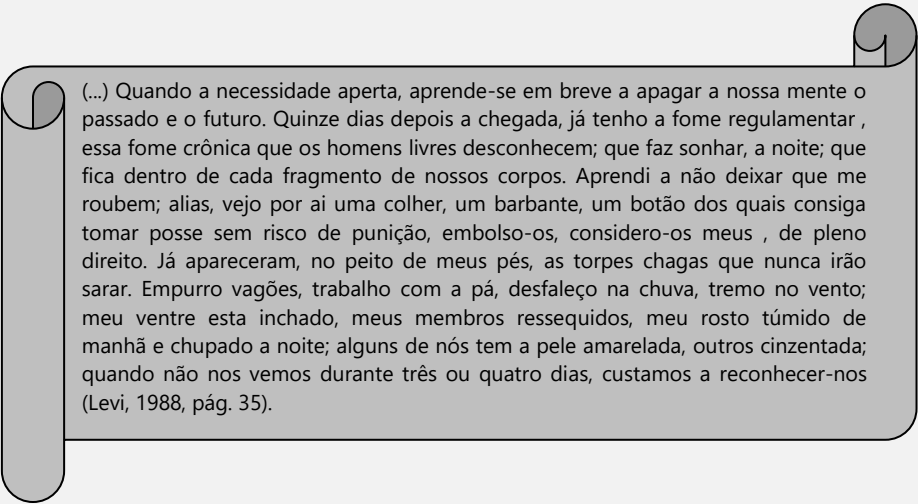


(...) Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão- e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (Levi, 1988, págs 24 e 25).

Primo Levi nos permite acompanhar o cotidiano nos campos de Auschwitz III como um prisioneiro judeu. Nos permite ter acesso a detalhes que nem sempre são contados, como o fato de que toda a comida disponibilizada para os prisioneiros judeus, ao contrário do que ocorria com os outros detentos, reduzia-se a uma sopa rala e uma ração (pão). Também lhes era negado o acesso à água potável, só não morriam de desidratação graças a sopa extremamente rala. Seus pertences se baseavam em uma calça, uma camiseta, uma blusa de manga comprida, uma tigela, uma colher e um par de sapatos de madeira. Como não eram trocados com regularidade, era preciso tomar muito cuidado para que suas roupas não vivessem sujas ou fossem roubadas. Caso isso acontecesse, estavam sujeitos a severas punições dos guardas. Ele nos mostra os trabalhos braçais que eram obrigados a fazer e como os sapatos machucavam os pés, além de narrar as constantes humilhações a que eram submetidos.

Sua narrativa permite conhecer por dentro como funcionava o sistema de hierarquização desta prisão. O campo se dividia em três categorias: os criminosos, os políticos e os judeus. Hierarquicamente, os detentos acusados de crimes comuns e políticos mandavam tanto nos judeus como os soldados nazistas, ou seja, os judeus eram os escravos dos escravos. Os prisioneiros perdem sua identidade e passam a ser reconhecidos por números tatuados em seus braços ao ingressar em Auschwitz. Quanto mais elevada a numeração, maior o nível de submissão imposta a este prisioneiro. Outro problema bastante comum se deve a comunicação entre os próprios detentos e para

com os soldados do campo. Os idiomas oficiais neste local eram o alemão e o polonês. Porém, seus prisioneiros vinham de diferentes nacionalidades e conseqüentemente a maioria não falava os idiomas “oficiais”. Primo Levi relata que apesar da dificuldade de comunicação, aprender os comandos básicos dados pelos nazistas era essencial para a sobrevivência no campo. Quanto mais rápido se conformavam e se adaptavam a nova realidade mais chances tinham de resistir e escapar das seleções que designavam quem iria para as câmaras de gás no campo de Auschwitz II.



(...) Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar a nossa mente o passado e o futuro. Quinze dias depois a chegada, já tenho a fome regulamentar , essa fome crônica que os homens livres desconhecem; que faz sonhar, a noite; que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos. Aprendi a não deixar que me roubem; alias, vejo por ai uma colher, um barbante, um botão dos quais consiga tomar posse sem risco de punição, embolso-os, considero-os meus , de pleno direito. Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar. Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; meu ventre esta inchado, meus membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado a noite; alguns de nós tem a pele amarelada, outros cinzentada; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, custamos a reconhecer-nos (Levi, 1988, pág. 35).

Levi nos mostra até que ponto o ser humano é capaz de ir para tentar sobreviver. Relembra como eram os roubos de pertences dos prisioneiros por outros detentos e de como funcionava o esquema de “mercado negro” dentro do campo, em que a moeda de troca era muitas vezes um pedaço de pão. Até que ponto um ser humano pode ser levado para tentar sobreviver? É a pergunta frequente que Primo Levi se faz em suas memórias.

Embora muitos tenham perdido a confiança, há aqueles que ainda lutavam para tentar manter o mínimo de humanidade e sanidade com esperanças de que um dia conseguirão ser libertados e que suas memórias serão importantes para entender o que aconteciam dentro dos muros dos campos. Era o que acreditava um dos companheiros de Levi, o ex-sargento Steinlauf. Foi através desta filosofia que Levi tentou não se deixar abater pelo que lhe acontecia.

Sabemos de onde viemos; as lembranças do mundo de fora povoam nosso sonhos e nossas vigílias; percebemos com assombro que não esquecemos nada; cada lembrança evocada renasce à nossa frente, dolorosamente nítida.

Não sabemos, porém, para onde vamos. Talvez sobrevivamos às doenças e escapemos às seleções talvez aguentemos o trabalho e a fome que nos consomem, mas, e depois? Aqui, longe (por enquanto) das blasfêmias e das pancadas, podemos retornar dentro de nós e refletir, e tornar-se claro, então que voltaremos. Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem (Levi, 1988, págs. 54 e 55).

Uma das constantes preocupações de Primo Levi era se caso conseguisse escapar, como as pessoas reagiriam aos seus relatos dos horrores presenciados. Ele teme que não acreditem nele, afinal quão baixo um ser humano pode aguentar ir e mesmo assim sobreviver?

Apesar de todas as violências, humilhações e desesperanças que lhes foram impostas, Primo Levi consegue sobreviver à desocupação do campo em 1945. Com o avanço das tropas Soviéticas e a constante perda do exército nazista durante a Segunda Guerra Mundial, os campos de concentração que se localizavam no caminho do avanço das tropas inimigas estavam sendo desativados e seus prisioneiros encaminhados para campos de extermínio. Na mesma época em que começa o processo de desocupação, Levi fica doente, é internado na enfermaria e posteriormente largado à própria sorte junto com outros enfermos que não possuíam condições de fazerem o longo caminho até Auschwitz II com o propósito de serem exterminados nas câmaras de gás. Como sua condição não era uma das piores e sua ala não abrigava nenhuma doença contagiosa, ele, junto com dois outros enfermos que também se encontravam em condições razoáveis, unem suas forças e criam possibilidades mínimas para que sobrevivam até a chegada dos soldados russos e a ajuda que viria com eles. Ele relembra o desespero dos doentes de outros barracões por não conseguirem se alimentar e a tristeza que os atingia por também não conseguirem ajudar. Infelizmente, dos onze doentes que estavam na

enfermaria, somente Levi e os dois que gozavam de melhor saúde conseguiram sobreviver. Os outros morreram nas enfermarias russas improvisadas nos campos de Auschwitz.

O livro de Primo Levi, lançado em 1947, foi um dos primeiros livros autobiográficos após a Segunda Guerra Mundial que relatavam os horrores deste período. Inicialmente seu livro não é bem aceito pela sociedade, pois as pessoas ainda tinham dificuldades em acreditar quão longe o ser humano foi capaz de ir com sua maldade. Apenas na reedição, publicada em 1958, com a ajuda de uma grande editora italiana, que Levi consegue uma maior visibilidade e aceitação de seus relatos. Atualmente seu livro é referência para qualquer pessoa que queira entender como era a vida de um prisioneiro Judeu em um campo de concentração.

Anne Frank



Fonte: <http://www.annefrankguide.net/en-GB/bronnenbank.asp?tid=3054>

Outra autobiografia, essa de grande repercussão, foi a escrita pela adolescente Anne Frank durante o período de confinamento na cidade de Amsterdã. Embora não tenha sobrevivido ao regime nazista, seu diário e suas memórias nos fornecem material suficiente para conhecer a menina cheia de esperança e sonhos que foi Anne Frank.

tissemitas pela Alemanha, em 1933, Anne Frank, uma alemã judia, se muda com sua família para a Holanda, Ganha um diário no seu décimo terceiro aniversário, no dia 12 de junho de 1942, e a partir dessa data começa a escrever sobre os acontecimentos marcantes e sobre seus pensamentos.

Neste livro podemos acompanhar pela visão de uma adolescente o que se passava na Holanda quando os nazistas invadiram o país. Podemos ver como ficou a situação de sua família em decorrência disso e de como ocorreu todo o processo de fuga da sua família para um esconderijo no sótão do prédio em que seu pai trabalhava.

A família Frank divide o esconderijo com mais uma família judia e posteriormente com um homem também judeu escolhido de comum acordo pelas famílias. Assim, oito pessoas viveram no esconderijo. Anne Frank relata as dificuldades enfrentadas para escolherem quem seria de total confiança para oferecerem o esconderijo como ajuda, uma vez que até os próprios judeus poderiam denunciá-los. Através das páginas de seu diário, podemos acompanhar como a vida de uma adolescente que era livre, cheia de vida e de amigos, se tornou reclusa e limitada. Seus pensamentos nos permitem entender através de uma linguagem tipicamente jovem não só as questões normais de um cotidiano adolescente (tais como sua relação com os pais e a irmã), como também a repentina convivência com uma família completamente diferente da sua.

Ao longo dos dias, narra sua visão do que estava acontecendo com os judeus que não conseguiram se esconder ou fugir a partir de informações que chegam até ela pelas pessoas (antigos companheiros de trabalho de seu pai) que os ajudavam a se esconder e sobreviver as repressões. Conta como teve sua liberdade restringida pela chegada dos alemães na Holanda em 1942 e como a fuga para um esconderijo vinha sendo planejada por seus pais, que acompanharam o que os nazistas fizeram na Alemanha e já imaginavam como seria a vida dos judeus na Holanda com a invasão.

Dois fatos que chamam a atenção: mesmo não estando em um campo ainda, estão em uma espécie de prisão aonde a alimentação é precária, as condições de higiene e privacidade também, além do constante medo de serem descobertos. O outro é de ter notícias de que seus conhecidos estão sendo levados pela gestapo para campos de concentração.

Apesar de sua pouca idade, Anne Frank nos surpreende com o nível de conhecimento do que esta acontecendo ao seu redor. Ela expressa o seu medo com relação ao futuro, mas em nenhum momento, nem ela nem os outros que estão no cativeiro, deixam de ter esperanças de que tudo irá acabar em breve. Infelizmente, seu esconderijo é descoberto três dias após a última memória de seu diário, no dia 4 de agosto de 1944, poucos meses antes do fim da Segunda Guerra Mundial e a consequente derrota do regime nazista e liberação dos campos de concentração. Todos são presos e enviados para campos de concentração diferentes e, apesar de todas as esperanças e cuidados para se manterem vivos, o único sobrevivente é Otto Frank, o pai de Anne Frank.

Uma das pessoas que ajudavam a esconder o anexo e seus moradores, encontrou as páginas do diário de Anne espalhados e os guardou, entregando ao seu pai após a guerra e a confirmação da sua morte. Para atender ao desejo da filha, que planejava publicar suas experiências nos anos de esconderijo, e após ouvir a convocatória de um membro do governo holandês para que os sobreviventes deste período narrassem suas histórias, o pai de Anne resolve publicar suas memórias.

Local de confinamento da família Frank



Fonte: <https://enquantoeuleo.wordpress.com/2015/04/08/g/>

Os relatos autobiográficos que aqui foram resumidamente apresentados, podem se constituir em ferramentas importantes para a ampliação dos estudos sobre o nazismo e suas atrocidades, principalmente o holocausto judeu. Apesar de ser um tema muito presente nos estudos acadêmicos, sua abordagem nas escolas ainda não reflete o papel de seus desdobramentos sobre o mundo contemporâneo. Lacuna que essas páginas pretenderam preencher.



Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2012;
- _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia da Letras, 2008;
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998;
- BORGES, Valdecir Rezende. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Ano 1, N.º 3, junho, 2010.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003;
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CONFINO, Alon. *Um Mundo sem Judeus: da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista*. São Paulo: Cultrix, 2016;
- EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Planeta, 2014;
- _____(b) *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Planeta, 2014;
- _____(c) *O Terceiro Reich em Guerra*. São Paulo: Planeta, 2014;
- FALAIZE, Benoit. O ensino de temas controversos na escola francesa: os novos fundamentos da história escolar na França? *Tempo e Argumento*. Florianópolis, vol. 6, n.º. 11, 2014.
- FAUSTO, Boris. Uma interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias. *Mana* [online]. Vol. 4, N.º.1, 1998.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 2016;
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembra, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed 34, 2006;
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003;
- HERF, Jeffrey. *Inimigo Judeu: Propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto*. São Paulo: Edipro, 2014;
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;
- KOEHL, Robert Lewis. *História Revelada da SS*. São Paulo: Planeta Brasil, 2015;

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.

LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988;

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; e VAINFAS, Ronaldo. (org) *Novos Domínios da História*. Elsevier Editora Ltda. Rio de Janeiro. 2012;

PEMPER, Mietek. *A Lista de Schindler: A verdadeira história*. Geração Editorial. São Paulo, 2010;

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Prefácio à Edição Brasileira: Nazismo e o Inimigo Judeu. In: HERF, Jeffrey. *Inimigo Judeu: Propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto*. São Paulo: Edipro, 2014;

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15;

ROBERTS, Andrew. *Hitler e Churchill: segredos da liderança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2014;

SELIGMAN-SILVAS, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003;

Site do United States Holocaust Memorial Museum
www.ushmm.org.

Para Professor

Aos Professores

Como toda a fonte, o uso de autobiografias para o ensino do Holocausto requer certos cuidados. Elas constroem uma representação acerca da realidade, portanto precisa-se considerar a elaboração de sua escrita, o texto e a leitura. Assim como o autor na hora de escrever busca mecanismos para mostrar o seu ponto de vista e direcionar o olhar do leitor para o que julga importante, o professor também precisará escolher as obras a serem trabalhadas em sala de aula de acordo com o direcionamento que queira dar ao assunto.

Todo documento é fruto de uma sociedade regida pelas relações de força, portanto, as autobiografias precisam ser acompanhadas de uma reflexão por parte do professor historiador sobre as condições históricas de sua produção. Buscando entender as intenções do autor, o contexto social que se insere, as relações de poder as quais estão submetidos, o processo de escrita, a linguagem utilizada, a finalidade da edição, o público para o qual se destina e o produto final. O processo de contextualização a qual a obra se refere é indispensável para a compreensão do aluno, assim como a história do autor que permite direcionar o olhar para suas assinaturas pessoais.

De acordo com Borges (2010), as noções de leitura, linguagem, representação, prática, apropriação, intertextualidade, dialogismo, dentre outras, são importantes para esse campo do conhecimento histórico. Essas dimensões são mediadoras das experiências e práticas sociais e possuem historicidade, sendo instáveis e maleáveis, dependentes de outros campos sociais.

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico (BORGES, 2010, pág. 98).

Atividades Propostas

Para que os alunos demonstrem que entenderam o conteúdo aqui proposto, bem como as diferentes interpretações sobre um mesmo conteúdo, proponho algumas atividades interdisciplinares para serem trabalhadas em sala de aula.

- Divida a classe em grupos e proponha a elaboração de uma peça ou curta metragem sobre a sua visão do que foi o Holocausto, podendo usar como base as memórias de alguma autobiografia.

Disciplinas envolvidas: história,
artes e literatura.

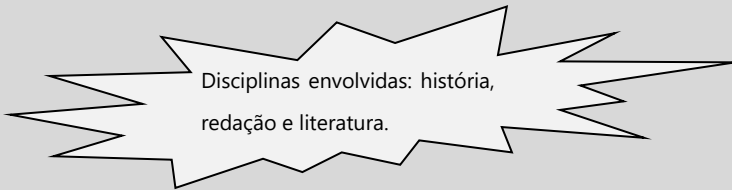
- Divida a classe em grupos e proponha a elaboração de debates sobre a relevância do tema para a atualidade.

Disciplinas envolvidas: história,
sociologia, filosofia e atualidade.

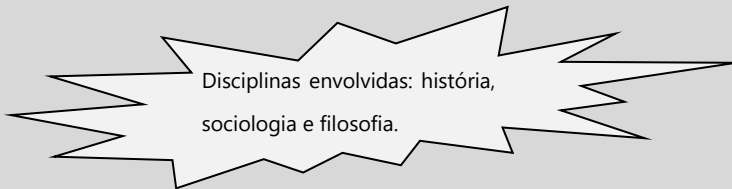
- Divida a classe em grupos e proponha a elaboração de um julgamento dos membros nazistas, baseado em alguma obra autobiográfica.

Disciplinas envolvidas: história,
sociologia, filosofia e literatura.

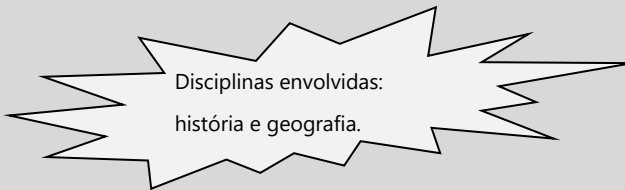
- Proponha a elaboração de uma produção textual sobre o seu ponto de vista acerca do conteúdo trabalhado nas aulas de história com o apoio de uma obra autobiográfica.



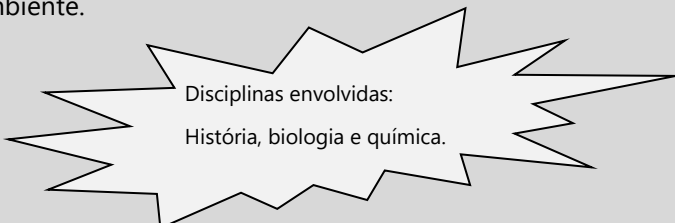
- Divida a classe em grupos e proponha a elaboração de seminários sobre diferentes tipos de regime totalitários.



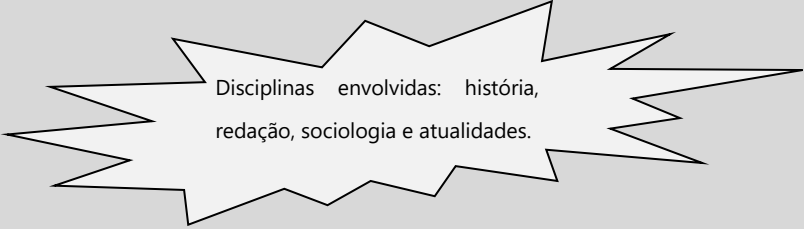
- Divida a classe em grupos e proponha a elaboração de um mapa com os campos de concentração nazistas.



- Divida a classe em grupos e proponha a elaboração de uma pesquisa sobre os gases usados nas câmaras de gás e seus efeitos para o meio ambiente.

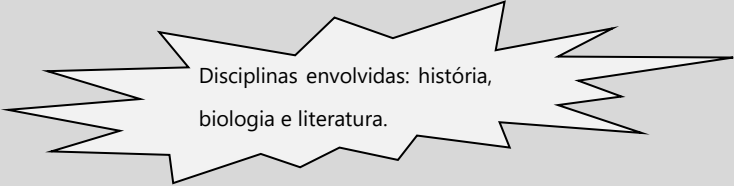


- Proponha a elaboração de uma redação sobre as semelhanças encontradas entre os dias de hoje e o Holocausto.



Disciplinas envolvidas: história, redação, sociologia e atualidades.

- Divida a classe em grupos e proponha uma pesquisa sobre as semelhanças e diferenças em relação às condições mínimas de higiene e alimentação que uma pessoa precisa para sobreviver e as encontradas nos relatos das autobiografias sobre o Holocausto.



Disciplinas envolvidas: história, biologia e literatura.

